

ILUSTRAÇÃO

N.º 204 — 9.º ano



A CIDADE DE LISBOA

(Quadro de Domingos Sequeira, existente na Câmara Municipal)

Não dê ao Seu Filho Leite ou Farinha de Origem Desconhecida

Como quereis que os vossos filhos cresçam robustos e saudios, se lhes daes alimentos improprios, ou de origem que não conheceis?
 Quantas vezes o leite é mau e as farinhas estão misturadas com drogas nocivas á saúde, ou não são de confiança?
 D'ai as enterites e outras perturbações gastricas, que, se não são fataes, deixam um rasto doloroso para toda a vida.
 Se cuida da saúde do seu filho ou do seu doente, não tente experiencias perigosas. Na celebre



MAIZENA DURYEA

encontrar V. Exa. o alimento mais puro, mais nutritivo e mais economico que existe.

A MAIZENA DURYEA é vendida em todo o Mundo há mais de 70 anos e todos os medicos a conhecem como um producto de inexcusada confiança. Milhares de laboratorios officiaes e particulares a têm analysado e os seus triunfos contam-se por cada analyse a que tem sido submetida.

A MAIZENA é um alimento natural de paladar delicioso. É rica em gluten e em proteínas e possui 89% de hidratos de carbono. Digere-se em 2/3 minutos, quando a farinha de trigo leva 30/60 minutos e a de batata 2/4 horas. Se consultardes o vosso medico ele vos dirá:—os alimentos valem pela sua assimilação.

leção, e por isso a MAIZENA DURYEA, é o melhor de todos.

A fama da MAIZENA tem feito surgir infinitas imitações. Não faça caso do que lhe disserem e rejeite-as—se não quer pôr em risco a saúde de quem as usar.

A MAIZENA tem a mais larga applicação na confecção de doces, puddings, biscoitos, etc. Damos, gratis, um livro de cozinha, com receitas deliciosas e variadas, a quem no-lo pedir.

CARLOS DE SA PEREIRA, Lda.
 Rua dos Sapateiros 115, 2º, LISBOA
 Queira enviar-me um exemplar gratis do seu livro de cozinha.
 Nome.....
 Morada.....
 Localidade.....

SAMUEL MAIA
 Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado,
 encadernado, 17\$00; brochado, 12\$00

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL
 Rua da Condessa, 80 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular (Registada).....	30\$00	60\$00	120\$00
Ultramar Português (Registada).....	32\$40	64\$80	129\$60
Espanha e suas colónias (Registada).....	—	64\$50	129\$00
Brasil (Registada).....	—	69\$00	138\$00
Outros países (Registada).....	—	63\$00	126\$00
	—	67\$50	135\$00
	—	66\$00	132\$00
	—	75\$00	150\$00
	—	75\$00	150\$00
	—	84\$00	168\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Acaba de sair a nova edição do

Desenho de máquinas

DA

Biblioteca de Instrução Profissional

1 volume de 344 páginas, 283 gravuras e 91 estampas. Encadernado em percalina, Esc. 30\$00. — Pelo correio à cobrança, Esc. 32\$50

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
 73, Rua Garrett, 75
 LISBOA

USE O CREME

Rainha da Hungria

INDISPENSÁVEL PARA A BELEZA DA PELE

DA LHE A FRESCURA DA JUVENTUDE

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

Contra todas as dores

Cafiaspirina

Grande sucesso literário:

À VENDA O 4.º MILHAR

JÚLIO DANTAS

AS INIMIGAS DO HOMEM

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS — Pan e as mulheres — As inimigas do homem — Terceiro sexo — Jus sufragil — A mulher diplomata — As ideias de Madame Agata — A mulher soldado — Delegadas a Gênebra — As calças de Eva — O eleitorado das avós — A mulher jornalista — O problema do amor — Núpcias em avião — Os pais-amas — O exemplo da China — Gentlemen prefere blondes — As revolucionárias do golf — Jurisconsultos de saías — Eva standardizada — As sinistradas da beleza — É preciso ser bela para ser feliz? — Mademoiselle Zuca — A idade dos joelhos — Nudistas — A dama do pijama verde — As amigas do homem

1 volume de 312 páginas, brochado **12\$00**
 encadernado **17\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ACABA DE SAÍR:

ALEXANDRE HERCULANO

**SCENAS DE UM ANNO
 DA MINHA VIDA**

E APONTAMENTOS DE VIAGEM

Coordenação e prefácio de **Victorino Nemésio**

1 vol. de 324 págs., broc. **12\$00**
 enc. **17\$00**

Pelo correio à cobrança, mais **2\$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O BÉBÉ

A arte de cuidar do lactante
 TRADUÇÃO DE

Dr.^a Sára Benoliel e Dr. Edmundo Ádler

Com um prefácio do **Dr. L. Castro Freire**
 e com a colaboração do **Dr. Heitor da Fonseca**

Um formosíssimo vol. ilustrado. **6\$00**

Depositária **LIVRARIA BERTRAND**
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O MESTRE POPULAR

OU

O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura,
 ao alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros
 por **JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA**

8.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL
 Rua da Condessa, 80 — LISBOA

MARIA BENIGNA

O novo livro de AQUILINO RIBEIRO

Está no 4.º milhar

Autor consagrado, de mérito incontável, a aparição dum novo livro de Aquilino Ribeiro é sempre revestida da curiosidade e do interesse que as boas obras literárias despertam no público.

MARIA BENIGNA, interessante romance de amor, é a última produção deste notável escritor, dos maiores da sua geração. Figuras, paisagem, ambiente é tudo novo, tudo diferente nesta preciosa obra, visto que o seu autor, desta vez, transportou para a capital os seus personagens, fazendo de Lisboa o centro de desenvolvimento da sua acção. Através de qualidades singulares que esta obra encerra, depara-se-nos uma melancolia e um pessimismo que não conhecíamos em outras obras de Aquilino Ribeiro, e que transmitem à MARIA BENIGNA uma suavidade encantadora e uma modalidade interessante na forma do eminente escritor.

1 vol. de 286 págs., brochado . . Esc. 12\$00
Encadernado. Esc. 17\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE SAMUEL MAIA

Sexo Forte — (2.ª edição), 1 vol. enc. 13\$00; br. . 8\$00

Opinião do Ilustre escritor Julio Dantas sobre o SEXO FORTE

O novo romance de Samuel Maia, d'um rigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da paisagem beirã dada por largos valores, estuda a figura de um homem, especie de genio sexual, (na expressão feliz do neurriatra Tanzi) de cujo corpo parece exhalar-se um fluido que attrae, perturba e endoidece todas as mulheres.

Com o SEXO FORTE Samuel Maia conquistou um elevado lugar entre os escriptores contemporaneos. — JULIO DANTAS.

Braz Cadunha — 1 vol. br. 6\$00

Entre a vida e a morte — 1 vol enc. 12\$00; br. . . 7\$00

Luz perpetua — 1 vol. enc. 12\$00; br. 7\$00

Luz Perpetua ficará entre os romances da nossa moderna literatura como um dos mais belos e da mais perfeita unidade. — Elcay (Diario de Noticias).

Não conhecemos entre nós romance que mais vida e interesse reuna num simples capitulo. — Diario de Lisboa.

Luz Perpetua é a victoria do espirito sobre a natureza e sobre os instintos. — Hemet. Arantes.

Lingua de Prata — 1 vol. enc 13\$00; br. 8\$00

Meu (O) menino — 1 vol. enc. 17\$00; br. 12\$00

Mudança d'Ares — 1 vol. br. 10\$00

Mudança d'Ares é uma rajada de ar puro. É um clarão de verdade. É uma afirmação latejante de vida. — Julio Dantas.

Mudança d'Ares, livro para todos, podemos dá-lo ás nossas esposas e ás nossas filhas, sem nos sujeitarmos a comprometedoras perguntas. — Augusto Lacerda.

Mudança d'Ares é um dos raros livros de valor da geração presente, cuja leitura se impõe como uma obrigação, aliás muito agradável de cumprir pelo prazer espiritual em troca. — Campos Lima.

Mudança d'Ares é um livro são, solido, bem escrito, onde ha observação, ironia, critica de excelentes desejos de evangelizar a vida grande, honesta e sem convenções patetas. — Albino Forjaz de Sampaio.

Por terras estranhas — 1 vol. br. 4\$00

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80 — LISBOA



A mosca é portadora de **DOENÇAS CONTAGIOSAS**

... extermine-as com **FLIT**

A pesar da sua apparencia inofensiva, a mosca é bem perigosa! O tifo, a escarlatina e até mesmo a tuberculose, são muitas vezes transmitidas pela mosca que, muitas vezes nos passa despercebida. E muita gente tenta exterminá-las com insecticidas incapazes de as destruir. Adquirá a certeza de que compra FLIT. O FLIT pulverizado não mancha. Exija a lata amarela com o soldado e a faixa preta.

Exija FLIT
REC. TRADE MARK

Recuse todas as substituições

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — DIPLOMAS DE HONRA na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

Recupere o tempo perdido!



Há uma refeição que pode estar sempre pronta a servir: é KELLOGG'S Corn Flakes. É só deitar do pacote para os pratos. Não precisa cozinhar. Um prato delicioso, servido num segundo, com leite, mel ou frutas frescas, e de valor alimentício para as crianças.

Pode servir-se ao almoço ou ao lunch, e é recomendado para comer ao deitar, porque KELLOGG'S é leve e fácil de digerir.

Muito económico. Um pacote satisfará dez pessoas com bom apetite...

Kellogg's
CORN FLAKES



A venda nos bons estabelecimentos — em pacotes verde e vermelho.

DISTRIBUIDORES:

FIGUEIRA & ALMEIDA
Rua da Madalena, 88
LISBOA

744

Doces e Cosinhados

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader.
com 351 páginas,

25\$00

DEPOSITÁRIA
Livraria Bertrand

73, RUA GARRETT, 75
LISBOA

A aparecer brevemente

É A GUERRA

Diário da grande conflagração europeia

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 504 págs., brochado . . **12\$00**
encadernado **17\$00**



PEDIDOS Á

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75

LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
& FISIOTERAPICO DO ESTORIL



Banhos de agua termal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulverisa-
ções, etc. — — —

FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

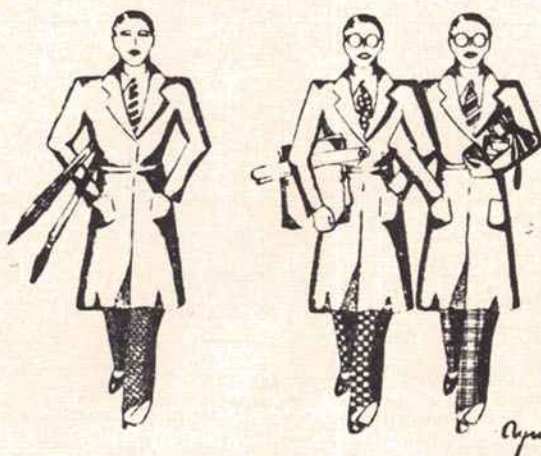


Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

GRAVADORE/

IMPRESSORE/



Agnesami

TELEFONE
2 1368

BERTRAND
IRMÃOS, L. DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

ILUSTRAÇÃO

o grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores a fim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

CRÓNICA DA QUINZENA

PROSEGUE a Espanha em luta porfiada com o mal que lhe entrou no corpo e teima em não sair. Por crises sucessivas, ora num local, ora noutro, parece correr o ciclo de uma infecção virulenta que, metida na massa do sangue, demora até percorrer todos os órgãos a experimentar-lhes a resistência. Chama-se em linguagem medica septicémia a estado paralelo do que está sofrendo o seu organismo nacional.

Nenhum tecido, ou actividade escapa á acção corrosiva do veneno. Alterou-se o humôr e relações dos homens, trans-tornou-se a arrumação das idéas e sentimentos, modificou-se o ritmo de todo o trabalho, a economia geral mudou de feição. Assim sucede também ao corpo vivo que penetrado pelo microbio, recebe cada dia novo ataque no rim, no fígado, no coração, donde sai vencedor ou vencido, segundo a solidez da parte ameaçada.

Desta feita o virus resistente invadiu a função agraria na sua parte mais essencial. Propunha-se destruir a messe e os frutos que pendessem, com violencia pior que tempestade, incendio, ou terramoto.

Não fôra o vigor da arquitetura social, transmitida por herança, sustentada pelo espirito que prevalece sobre tôdas as correntes ocasionais, nos campos a esta hora cobertos de espigas, só haveria desolação, ruína e morte.

Mais uma vez triunfou a força eterna, quasi divina, da alma do ocidente que preside ás relações dos habitantes desta parte do globo, aqui nascidos e formados com feição indestrutível nos seus conceitos da affectividade, da posse, do amor. É alguma cousa que a religião, a politica, os regimes, não affectam. O homem deste distrito do globo, manifesta-se um sêr á parte do que vegeta para além do Vistula, mórmnte para além dos Urais. Reage de modo diferente ás idéias, bem como aos factores atmosféricos e teluricos. A sua sensibilidade difere, e daí resulta uma attitude especial e própria perante os contactos com o ambiente.

É isso que lhe dá uma visão especial para considerar a terra, a familia, a individualidade própria e lhe imprime feitio inconfundível como sêr social.

Dá se conclue que a Espanha no período de excitação e delirio em que se acha, não prepara nenhuma camisa de forças talhada pelo modelo russo. Anda inquieta, á procura de uma roupa nova, porque a velha cafu em frangalhos. Succede a muitos outros na Europa e no resto do mundo.

Os figurinos do século XIX perderam

a graça, ninguem os quer. Quem os conserva ainda, mostra-se enfadado; quem os eliminou, apresenta-se desprovido. Tôdos por isso manifestam um desassossegado que nunca se viu.

E o pior é não haver indícios de estar próximo o fim da incômoda gestação que há-de produzir o modelo tão demoradamente cubiçado.

Para mostrar a alteração das directrizes, medidas, valores e outros elementos com que se faz o jogo das idéas e actos de vida, vigentes neste século, perante os adoptados no precedente, basta considerar o sucedido com as moedas diversas que no mundo correm.

A Itália acaba de proibir a exportação de capitais, fiscalisa a entrada e saída de títulos estrangeiros, não consente que lhe bulam no lastro-ouro. Depois de tudo isto o cambio firma-se.

Com procedimento parecido a Inglaterra e America baixaram-no mais de um terço. Parece que as mesmas causas deixaram de produzir identico efeito. E assim seria se a moeda fôsse como antes se supunha dotada de destino independente da vontade dos homens, quer disêr não subordinada ás conveniencias particulares dos Estados, mas obediente a um comando superior de ordem universal. Não firmava, ou relaxava a sua moeda quem queria. Havia uns ouros, uns créditos, umas balanças comerciais, uns equilibrios orçamentais e outras fitas de côres que lhes ditavam o valor absoluto ou relativo.

Hoje abre-se ou fecha-se a torneira do metal, tem-se o deficit que se quer, gasta-se á vontade, importa-se exportar-se como calha e no fim o cambio será o que os salazares de cada país determinarem.

Aqui temos mais uma fôrça soberana que perdeu a liberdade e ficou reduzida a condição subalterna. A antiga confiança que inspirava aos possuidores desapareceu por completo. O que conseguia umas mancheias de rodelas metálicas, considerava-se em defeza contra a miséria e senhor de si mesmo, seguro de poder dispor como lhe aprouvesse do seu destino e actividade.

Hoje com pertença igual ninguem sabe para que lhe servirá. O que a recebe em troca de um serviço, ignora se ganhou alguma cousa de definitivo e estável.

A moeda já não é uma medida, nem um sinal fixo do valor. Passou á categoria de hipótese provável, sem constância nenhuma.

Para dar a conhecer o carácter dos novos tempos, em relação aos antigos, este indício revela especial vigôr demonstrativo. Equivale a fotografia.

Ela nos ensina que para pensar e proceder temos de adquirir outras idéias, dar outros passos, fazer outros gestos, tomar outras attitudes.

Muito errados andam pois os que pretendem orientar-se pelos princípios, axiomas, postulados que fizeram o cômodo e a delícia dos nossos antepassados em 1880.

Gastaram os poetas românticos o estro a apostrofar o ouro, como quem diz a moeda, a riqueza, a posse livre, por a considerarem o símbolo da prepotência, grosseria e mais sentimentos vis. Se cá voltassem, quanto havia de ser o desgano ao contemplarem a condição mesquinha a que se acham reduzidas tais potestades. O ouro preso, humilhado, desconsiderado, muito abaixo do insulto que enfaticamente lhe dirigiam, ao apodá-lo de «vil metal». Quando se contempla a sua sorte mofina supõe-se realisada a química misteriosa dos sonhos em que a panela atulhada de maravedis aparece cheia de carvão. Pobre do ouro, com a sua triste sina!

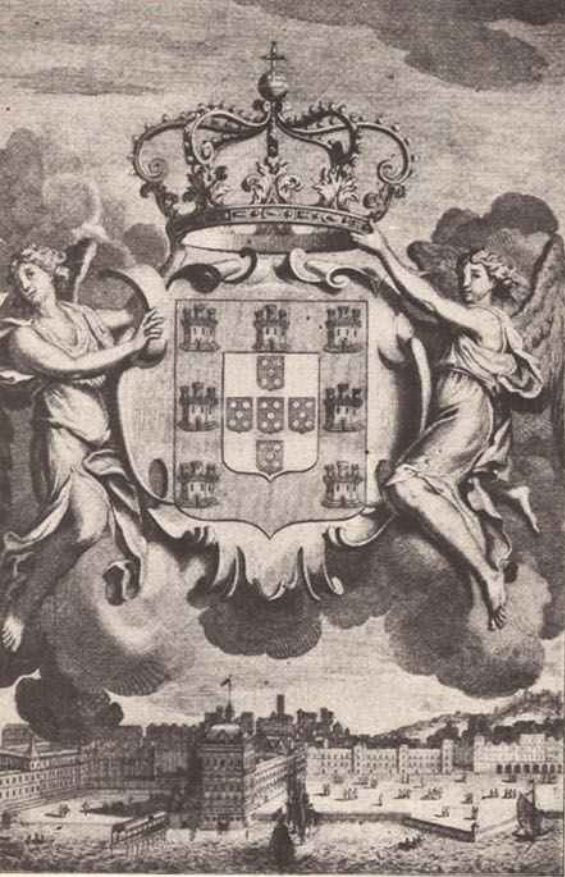
Deviam agora distribui-lo pelas pessoas idosas, dos tempos em que era venerado, para se deleitarem com a sua côr e som. Amores da mocidade, fixados na alma para todo o sempre, dar-lhes-ia um fim de vida consolado.

Dentro de vinte e cinco anos o que será o valôr?

Metal, fôrça, talento, virtude, mãos, dentes, péz, miolos, advinhe quem puder a moeda que ha-de representar a balisa, ou medida para aferi-lo. Sim, porque moeda ha-de existir sempre. O que difere é o título, a substância, o conceito, e modo de usar.

No período de transformação que se atravessa, até a prudência parece ter mudado de sinal, de modo que os perdulários chegam a ocupar o posto de assisados. Deve ser uma ilusão, ou mirágem que também concorre para nos entontecer.

Por comodidade fixemos a verdade provisória de que andamos todos doidos.



ROTEIRO HISTÓRICO

LISBOA

GRATA MIRAGEM

DO RIO TEJO

fundo em Lisboa, cuja cidade, conforme a tradição das Histórias dos Sarracenos, foi edificada por Ulisses, depois da destruição de Troia; e está ela fundada com admirável estrutura de muros e tórres, sobre um monte insuperável às forças humanas...

... Assim que pusemos pez em terra, armamos barracas; e ajudados do favor Divino, em o primeiro de Julho, tomámos os arrabaldes da cidade. Depois de vários assaltos contra as muralhas, não sem grande preparação de parte a parte, gastámos, em preparar máquinas, até o primeiro de Agosto...

... Junto da praia fabricámos duas sumptuosas tórres, uma para a parte do oriente, onde se tinham aquartelado os flamengos, outra na parte occidental, onde estavam alojados os ingleses; e fizemos também várias pontes, para nos facilitar a entrada na Cidade, por cima dos muros...

... No dia da Invenção do Protomartir Santo Estevão, se começaram a mover para a bataria, as máquinas e as naus; porém, rebatidas não só do vento contrário, mas dos instrumentos bélicos com que nos sacodiam, nos retirámos com algum dano; e no tempo que os nossos pugnavam com os Sarracenos, defendendo os ingleses, com menos vigilância a sua torre, não a puderam livrar do improviso incêndio que a abrasou...

... Logo com certa máquina começámos a romper a muralha, o que, vendo os Mouros, lan-

çando por cima dela fogo oleaginoso, a reduziram a cinzas, experimentando-se então, de parte a parte, inumerável mortandade, que causavam os arremeses das setas e os tiros de outras armas ofensivas. Quebrantados algum tanto os nossos com a derrota da máquina e da gente, se applicaram a fazer novos reparos e engenhosos artificios, esperando sempre da misericórdia de Deus...

... Padeciam nesta ocasião os sarracenos, dentro da cidade, os efeitos da falta de viveres, porque, suposto que alguns se achavam com abundância de mantimentos, se fechavam com êles de modo que muitos dos miseráveis paisanos morriam à fome, e outros, sem horror algum tragavam cães e gatos. A maior parte destes desgraçados se passava aos cristãos, pedindo que os batizassem. Tais houve que, desfalecidos sobre os muros, já com as mãos cortadas, eram apedrejados pelos próprios. Outros muitos sucessos prósperos e adversos, nos aconteceram, segundo permitem os vários movimentos da guerra, os quais deixamos de referir por evitar prolixidade...

... Era dia da Natividade de Maria Santíssima, quando certo italiano, natural de Pisa, homem de grande indústria, começou a edificar uma altíssima torre de madeira, no mesmo sitio onde tinham queimado a dos ingleses, para cujo complemento, concorrendo dispendio régio e deligência do exército, se gastou todo o meado de Outubro. Com igual actividade outro engenheiro fez grandes caves por debaixo dos muros, cuja operação, mal sofrendo os mouros, fazendo ocultamente uma saída, pelezaram com os nossos,

CORRE, de séculos, a lenda de que, tendo certo nobre cavaleiro templário pedido a um espelho mágico lhe revelasse a mais linda urbi da Terra, este logo refletiu na sua chapa, Lisboa — a famosa Alis — ubbu dos fenícios, Olisipo dos romanos, Lissabounah dos árabes, erecta por Elysa, filho de Javan e bisneto de Noé, cento e oitenta anos depois do Dilúvio, em que Ulisses, seu reedificador, ergueu, na máxima acropolis, e voltado para o aurífero Tagus, o magnífico templo à deusa ateniense Minerva, e que Júlio Cesar — que concedeu aos olisiponenses militares nas legiões de Roma —, pelo carinho como o recebera, a distinguiu com o privilégio de Município dos Cidadãos Romanos, que não tinha mais alguma outra cidade da Lusitania, conferindo-lhe, também, a honra do nome de Felicitas Júlia.

D. Afonso Henriques, o invencível campeador a quem os mussulmanos chamavam Ibu-Errih, só depois de haver, com cento e vinte homens, libertado Santarem do jugo sarraceno, foi que, ajudado pelos cruzados das duzentas naus a caminho da Terra Santa, veio pôr cerco a Lisboa.

De início alcançaram os portugueses um feito gloriosíssimo, pois que, com cento e cinquenta frecheiros, derrotaram, junto do lugar dos Olivais, mil e quinhentos cavaleiros agarenos que, a tôda a brida, vinham em socôrro da praça sitiada, e que, depois de encarniçada luta, foram passados à espada.

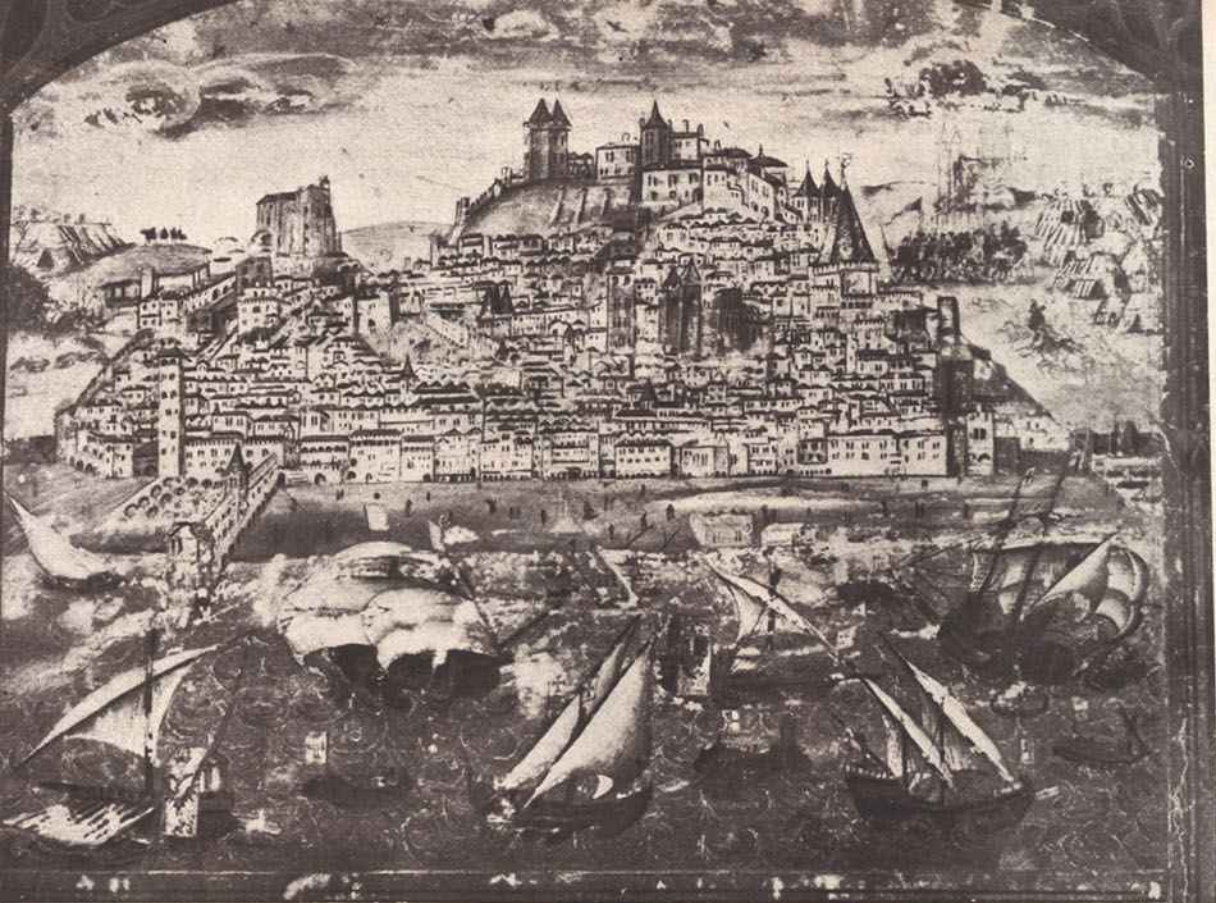
Bem relata êsse duro assedio de cinco meses — onde tanto se immortalou também numa das portas da almedina moura, o nosso Martim Moniz — as seguintes passagens da carta latina, que Arnulfo, cronista vindo na mesma Armada, escreveu, no ano de 1147, ao bispo de Terona, em França:

— Na segunda-feira depois do Espírito Santo, entrando pela barra do rio Douro, arribamos ao Pôrto, onde achamos o bispo daquela cidade, que, com anticipada ordem de El-Rei, esperava alvoração a nossa vinda. Ali nos demorámos onze dias aguardando pelo conde Arnulfo de Ardescor e o Condestável, que se haviam separado de nós por causa da tempestade, e em todo êste tempo experimentámos no bom cômodo dos viveres com outras delicias e refrescos do pais, a benevolência do Rei...

... Chegado o conde e o Condestável, fomos continuando viagem, e no segundo dia da jornada, entrando pela foz do Tejo, na vigilia dos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo, demos

LISBOA NO SÉCULO XVI — Gravura tirada da obra de Hans Staden sobre o Brasil (1592)





sobre a cava, a peito descoberto, desde as dez horas da manhã até à tarde, em o dia festivo do Archanjo S. Miguel...

... Porém os nossos, amparados por alguns frecheiros que lhes resistiam, de tal sorte entupiram as passagens, que, ao recolherem-se os Mouros, apenas escapou algum deles sem golpe ou ferida; e continuando em abrir e fundar a mina, de dia e de noite, acabaram de a encher de madeiros, no dia próprio em que El-Rei, juntamente com os ingleses, vinha encostar aos muros a sua torre. Pondo-se então fogo à mina, em a noite S. Galo Abade, ardendo a fachina, rebentou um lança de muralha, caindo dela quanto ocupava o espaço de duzentos pez...

... Ao estrondo da ruína, acordado os nossos, pegaram em armas, e acometendo, com grandes alaridos, a brecha, esperavam que fugissem os que vigiavam e guarneciam os muros; porém, acudindo os árabes em grande número, se puseram em defesa na parte em que a eminência de um monte fazia difícil a entrada, continuando todavia o combate, desde a meia noite até à hora nona do outro dia, em que, finalmente, foram desamparando a peleja a tempo que a torre se ia aproximando, de que o povo bárbaro andava pelas ruas tumultuosamente vexado.

Foi então que, sobre atestado às muralhas essa torre do engenhoso pisanos, onde se achavam muitos portugueses, investindo todo o exército cristão contra os infiéis, se deu o ataque formal, e por tal maneira decisivo, que bastaram seis escassas horas, para se abrir, de par em par, as doze portas que fechavam Lisboa.

Assim, pouco depois fluuavam já nos seus muros, os vitoriosos balsões das Quinas de Ourique, vendo-se lá no alto terreiro da Alcáçova Moura — que El-Rei D. Diniz haveria de tornar Paço Real — o nosso grande Afonso Henriques, à testa dos mais nobres cavaleiros, «pactuar com o vencido alcaide-mór — que fôra o governador do castelo — se recebesse tôdas as alfaías preciosas, de ouro e prata, que possuíam, e que o Soberano tomasse posse da cidade e seus moradores, com tôda mais terra que lhe pertenciam. E desta maneira se concluiu uma tão grande vitória, mais divina que humana, com perda de duzentos mil maometanos, em dia das Onze mil Virgens, das calendaras de 1147.

Decorridos três dias da capitulação, «acompanhado de muita clareza e bispos, revestidos todos de ricas capas de flores, e coroadas de boninas, marchava o santo Rei D. Afonso I, com a mais vitoriosa gente, assim de cavalo como

A MAIS ANTIGA PLANTA DE LISBOA — Iluminação da «Cronica del Rey Dom Afonso Henriques, primeiro rey destes reynos de Portugal» por Duarte Galvão

de pé, os quais iam todos postos em sua ordem militar, com suas lustrosas e vistosas bandeiras alevantadas, e com muitas que alcançaram dos mouros arrastadas, e levadas pelos mais honrados cativos; e assim, com muitas trombetas, sacabuchas e atables, entraram com grande triunfo na mesquita-maior, e logo pelos bispos e demais povo foi consagrada à Virgem Sacratíssima Senhora Nossa, da divina invocação da Assunção; e assim entraram todos vitoriosos, cantando o «Te-Deum Laudamus».

Foi então que, ocabada a cerimónia, estando El-Rei acompanhado da sua comitiva de senhores do reino, se dirigiu aos capitães cruzados que o ajudaram a conquistar a praça lisbonense, e lhes disse:

— Amigos e senhores!... Já sabeis de como nos concertamos, se nos Deus desse esta cidade, que partiríamos pelo meio, e pois Sua Divina Magestade foi servida nos dar a vitória dela, muitos louvores lhe demos, e graças, agora e para sempre lhe sejam dadas, pelo que, Senhores, podeis mandar dispôr desta grande cidade, como quiserdes e fores servido, e assim, todo o rico despojo que se achou nela, a vosso mandar.

A esta generosa proposta, responderam os nobres cavaleiros estrangeiros:

— Deve Vossa Magestade saber a determinação com que portimos das nossas casas, vindo delas só com tenção de servir a Deus; êste foi o nosso propósito; não queremos cidades, nem menos terras; e menos riquezas e tesouros. Quanto mais, Senhor, não parece justo que se parta uma pedra tão preciosa como esta grande cidade; bastará deixarmos a ela em vossas mãos, e em poder de gente de Cristo!

Dest'arte, o Rei a quem se Deus mostrou, o Rei que tantos reis venceu, o Rei que tais Reis nos deixou, ficou absolutamente senhor de Lisboa — A Muy Nobre e sempre Leal Cidade que depois D. Diniz illustrou, D. Fernando guarneceu, D. João I agraciou, D. Manuel engrandeceu, D. João V opulentou, D. José reconstruiu, D. Maria I embelezou, e que os portugueses tornaram tão excelente e maior, que hoje, como ides vêr, proclama-se a mais cara jóia do tesouro de Portugal.

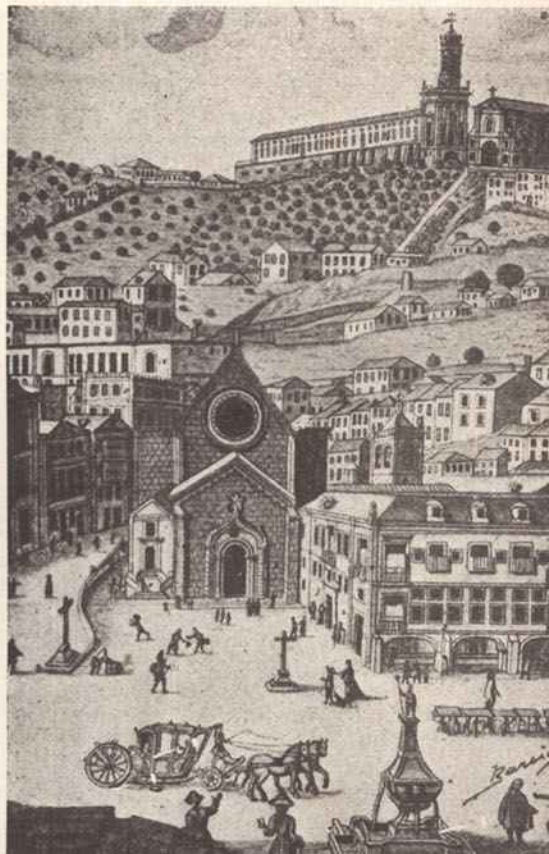
Lisboa é a cidade mais ocidental do Ve-

Parte do Rossio, antes do terramoto, sendo-se a antiga igreja de S. Domingos

olhar, vista de longe, parece celestial.

Não falando na suavidade do clima, na brisa amena que a encarece, e no fulgurante sol que a ilumina — prendas que também fizeram W. Beckford não achar em todo o mundo, lugar mais escolhido para fazer clamar: «hide me from day's garish eye» — a maior prerrogativa desta cidade, é o caprichoso relêvo da sua formação topográfica.

É num centralizado patamar do seu enorme perimetro e junto ao seu glorioso rio de onde se tiraram as primeiras linhas de navegação para a circunferência dos hemisférios, que se encontra o imponente Terreiro do Paço, por assim dizer, âncora do Tejo, degrau de Lisboa, âtrio de Portugal, e que, com a magestosa está-





fala, e onde se expõe a imagem do Senhor, mais venerada pelos alfaias; — o de S. Roque, anexo ao mui excelente Museu da Misericórdia, e no qual se mostra a preciosa capela de S. João Baptista e o seu inapreciável tesouro, dádiva de D. João V, o Rei Magnânimo a quem se deve aquele portentoso Aqueducto das Aguas Livres; — o da Estrêla, grandiosa Basílica, da invocação do Sagrado Coração de Jesus, mandado erigir no dominante planalto de Buenos Aires; edificios estes, cujos zimbórios, torres e campanários, estão, como os de outros, a coroar as recortadas cordilheiras por onde se povôa esta decantada urbi metropolitana.

Nas suas encostas, em que se destacam remotas igrejas, como a veneranda Sé — sacrário de custoso tesouro — e o histórico Carmo, em cujas ruínas se estabelece o curioso Museu Arqueológico; e aristocráticos palácios de gente de algo, como o realengo Paço das Necessidades, localizam-se também os mais típicos bairros da cidade: a tortuosa Alfama, a requiebrante Mouraria, a ladeiranta Bica, a axadrezada Madragôa, e outros bizarros e pitorescos recantos que, com suas fontes, seus arcos, escadinhas, becos, trabuquetes e atafonas, formam os mais inéditos e característicos aglomerados da antiga Lisboa. Nos seus sopés ribeirinhos, acham-se muitas coisas de merecido apredo: — o valiosíssimo Convento da Madre de Deus, fundado em 1509, pela rainha D. Leonor, e que patencia verdadeiras obras primas; — o Museu de Artilharia, edificio mandado delinear por D. João V, e executar por seu filho D. José I, e que mostra uma rara collecção de troféus e armas de guerra, artisticamente exposta em magníficas salas; — o portal da Conceição Nova, joia manuelina que pertenceu à derrocada igreja da Misericórdia, e que se encontra próximo da célebre Casa dos Bicos, da fidalga linhagem do valoroso Afonso de Albuquerque; — a Câmara Municipal, detentora de belos salões nobres, e da mais aparatosa escadaria do país; o Museu de Arte Antiga, que, expondo magníficas collecções de quadros de celebrados mestres das diversas

A estátua de D. José I, segundo uma gravura que foi distribuída ao povo no dia da inauguração

escolas, de cerâmica, de ourivesaria, de mobiliário, de alfaias sacras, etc., mostra também, os primorosos painéis de S. Vicente, maravilha do pintor do século xv, Nuno Gonçalves, e a valiosa custódia de Belem, filigranada por Gil Vicente, com o primeiro ouro vindo da India; — o Museu dos Coches Reais, organizado, com requintado bom gosto, pela senhora D. A nélia de Bragança, e que, excedendo os reputados similares de Madrid, Versalhes e Viena, apresenta, a par de ricas librés, custosos arceios e sumptuosos coches, as aparatosas carroças de gala, que figuraram na faustosissima embaixada joanina à Curia Romana; o Mosteiro dos Jerónimos, sublime edificio que o inclito Manuel de Faria disse vêr-se, ao mesmo tempo acompanhadas, a grandeza de curiosidade, de arte, a arquitectura, de preço, a matéria, e que, bem perto parecendo emergir das águas, tem a preciosa Torre de S. Vicente, levantada como ele, pelo venturoso D. Manuel I — esse Imperador dos Mares nunca dantes navegados, que teve a sorte de, sob o signo da Cruz de Cristo e da Esfera Armilar, vêr partir Vasco da Gama para a India, Alvares Cabral para o Brasil, Côrte Real para a Groenlandia, João da Nova para Santa Helena, Coelho Coutinho para Madagascar, Lourenço de Almeida para Ceilão, Vasco de Abreu para as Molucas, Tristão da Cunha para as Ilhas da Ascenção, e tantos mais varões assinalados, para outros confins descobertos pelas trézentas caravelas que o afortunado rei trazia nas conquistas.

Por aqui termina o roteiro deste «jardim da Europa, à beira mar plantado», que António de Sousa Monteiro, lirico do século xvii, assim deseja no seu poema heróico «Ulyssippo»:

*A Cidade que o Tejo está banhando
Com rara linza de ouro misturada,
Sete soberbos montes ocupando,
Não só Cidade, um Mundo é reputada:
Diferentes Provincias dominando,
Delas alta cabeça é venerada,
E como Império iguala com a Terra,
Ao Ceu levanta os ânimos que encerra.*

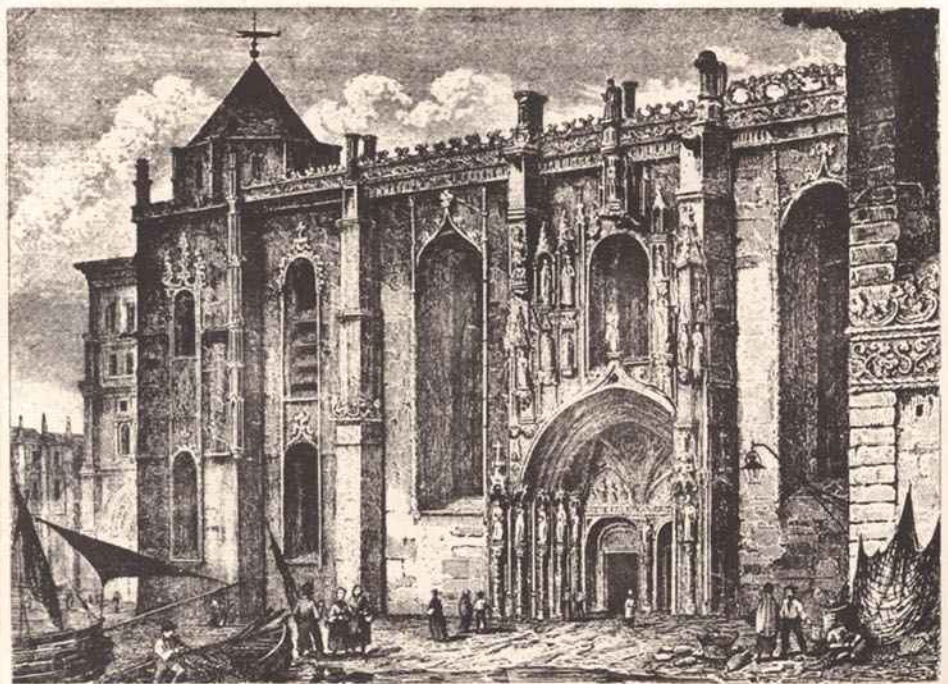
*Do Nascente ao Ocaso se dilata,
Onde do rio a ondosa bizarria
Nos braços do Oceano se desota,
E acrescenta-lo quer com vã porfia:
Ambos lhe formam de safira e prata
Líquido muro, à parte do Meio dia
Sómente aquele tem, que a tal grandeza
Convinha, obra da sábia Natureza!*

E. Raposo Botelho.

tua equestre do Rei D. José I, que o preside, os elegantes torreões que o ladeiam, as harmoniosas arcadas que o guarnecem e o soberbo arco triunfal que o remata, se torna uma das mais reputadas praças conhecidas; assim como é, também, no alongado chão de uma centralizante baixa que o precede, e é demarcada, lateralmente, pela raiz dos montes do Castelo, de Santana, de S. Francisco, do Carmo, de S. Roque, e da Patriarcal — que tem nos declives o incomparável Jardim Botânico — onde se acham, successivamente: os uniformes arruamentos pombalinos, em que se instam os melhores estabelecimentos da capital; a movimentada Praça de D. Pedro IV, rectangular Rossio que constitue o principal centro lisboeta; a ajardinada Avenida da Liberdade, que pela sua beleza, largura e extensão, se acredita como um dos mais importantes «cursos» europeus, e que, tendo nos topos opostos, as amplas praças dos Restauradores e do Marquês de Pombal, estabelece rápida e directa ligação com os novos bairros da cidade, que terminam junto do apreciado Jardim Zoológico e do frondoso Passeio do Campo Grande próximo da alegre Praça de Toiros do Campo Pequeno — e que se dilatam ao nascente e poente do Parque Eduardo VII, recinto de recreio, de cujo alto se disfruta amplo horizonte, e onde se patencia, numa caprichosa instalação de característico aspecto rústico, uma vegetação luxuriante, que constitue uma das Estufas Frias da Europa, mais dignas de admiração.

Mas, nas muitas eminências que ocupa é que se encontram as melhores curiosidades olissiponenses, pois que, nos seus cimos, disfrutadores dos mais surpreendentes e variados panoramas, além do Paço da Ajuda, imponente repositório de Arte, logo enxergado ao demandar-se o famo-o porto de Lisboa, estão muitos dos mais valiosos templos da capital: — o de S. Vicente, fundado por D. Afonso Henriques, em 1147, e reconstruído, com sumptuosidade, por Filipe I, e que tem, adjunto, o Panteão Real; — o da Graça, erguido no sérro que os moiros denominaram Almo-

O mosteiro dos Jerónimos, segundo uma gravura publicada por Ferdinand Denis, na obra «Portugal», edit da em Paris, no ano de 1846





O Anjo Sorridente
(Porta esquerda da Catedral
de Reims.)

Uma exposição de Arte Francesa nas Belas Artes

zarrois, conservador do Museu Nacional do «Jeu de Paume»; Guilherme Janneau, administrador do «Mobillier National» e Rober Brussel, director da «Association Française d'Expansion et d'Echanges Artistiques».

As tapeçarias, principalmente, emprestam grandeza à exposição. A que está na sala da entrada — e que reproduzimos abaixo: o «Triunfo de Alexandre» — tem quasi cinco metros de altura por aproximadamente nove de largura. É maravilhosa. As que a enquadram, e as que artisticamente estão distribuídas por toda a exposição, Gobelins representando a Música, Dança de Pastores Triunfal de Mardoquen, Proclamação de Joas, D. Quixote e a cabeça Encantada, o Baile e o Amor e Psyché, esta última fica em Lisboa, atribuída pelo governo francês à legação de França, são também riquíssimas obras de Arte dignas de ser admiradas.

Na primeira sala notam-se duas réplicas de bronzes de Rodin, Idade do Bronze, cujo original está no Museu de Luxemburgo, e A Sombra, que é uma das figuras que rematam a Porta do Inferno. Além de Rodin, Bourdelle, com o seu gigantesco Centauro Moribundo, há ainda esculturas dos dois colossos da estatuaria francesa, destacando-se, do segundo, uma cabeça de Apolo, de bela «patine». Nas salas laterais admiram-se moldagens de esculturas do século XI a XIX, baixos relêvos e decorações das catedrais de Chartres, de Amiens — desta a Virgem Dourada, de dois metros e vinte por cinquenta e seis centímetros — e de Reims, representada a sua porta esquerda pelo Anjo Sorridente, de 3^m.40 por 1^m.30; e outras maravilhas, reproduzidas do mármore, do alabastro, do cobre, do bronze e da madeira. As reimpressões de gravuras comportam as melhores do século XV ao XVIII, gravuras a água-forte e buril, «à la manière noire» e «à la manière de crayon».

A inauguração da exposição foi feita pelo sr. general Carmona, que se fazia acompanhar pelos ministros da instrução, dos estrangeiros,

Uma das salas da Exposição, vendo-se ao fundo dois Gobelins: «Triunfo de Alexandre» (1680) e «Dança de Pastores e Pastoras» (1702) e dois bronzes: «A Sombra» de Rodin e «Centauro Moribundo» de Bourdelle



A Virgem dourada
(Pórtico meridional do transepto,
na Catedral de Amiens.)

da guerra e do comércio. Comparecem também o ministro da França, embaixador do Brasil e várias individualidades portuguesas e membros da colónia francesa. O Presidente da República, à saída, felicitou os srs. Jesse Cury e Guilherme Janneau e dr. José de Figueiredo, pelo êxito do belo certame.

A direcção dos Museus Nacionais Franceses, organizou, sob o patrocínio da «Association Française d'Expansion et d'Echanges Artistiques», uma exposição de Arte francesa que se inaugurou, há dias, nas salas da Sociedade Nacional de Belas Artes.

Da exposição fazem parte tapeçarias riquíssimas, tecidas em sêda e ouro; bronzes de Rodin e Bourdelle; moldagens de esculturas famosas dos tempos franceses, reimpressões de gravuras admiráveis e livros ilustrados.

Não cabe no âmbito desta reportagem gráfica uma notícia condigna do certame. No entanto, justo é que se diga que a exposição se deve ao esforço inteligente do ilustre director do Museu Nacional de Arte Antiga, o sr. dr. José de Figueiredo, e à boa vontade dos srs. Andrés De-





A POESIA PORTUGUESA



ÉCLOGAS



Dr. Alberto d'Oliveira

O sr. dr. Alberto d'Oliveira, diplomata eminente e uma das mais altas e representativas figuras das letras portuguesas contemporaneas, que com Eugénio de Castro e António Nobre produziu êsse admirável movimento de renovação da nossa poesia a que foi atribuído, talvez indevidamente, o nome de «simbolismo», e que no seu livro magistral, *Palavras loucas*, marcou uma das mais interessantes e expressivas formas de evolução da prosa portuguesa, ocupa os seus lazeres de chefe de missão em Bruxelas cinzelando, no puro ouro da lingua, as composições de um novo livro, *Éclogas*, que se destina, certamente, a um grande êxito literário, e em que o poeta insigne domina a técnica com notável perfeição, atingindo, pelos processos aparentemente mais simples, efeitos de impressionante beleza.

São dêsse livro os quatro formosíssimos sonetos, que a seguir publicamos:

I

SEMEIA E CRIA...

*A terra é dura, pedregosa, esquiva;
Mas teu arado plácido e tenaz
Fende-a, como escalpelo em carne viva,
Do sono a acorda e as fôrças lhe refaz.*

*Fiel à regra santa e primitiva
Teu coração e teu suor lhe dás:
Pai, que por ela se consome e priva,
Filho, que nela há de morrer em paz...*

*Humilde lavrador, mestre da vida:
Quantas lições e símbolos encerra
Teu rude esforço, tua austera lida!*

*Com enxada, ou espada, ou verbo ardente,
Todos temos um sulco a abrir na terra
E mãos para espalhar qualquer semente,*

II

O OVO

*Sem princípio nem fim, liso, perfeito,
De inviolada e hermética brancura,
Em ti contemplo um mundo em miniatura,
Da Criação és símbolo e és conceito.*

*Nessa frágil prisão, cárcere estreito,
A Asa se elabora e transfigura:
Favo do mel divino, oiro em fervura,
Mínima causa de sublime feito!*

*No mesmo ritmo das astrais esferas,
A vida te gerou e a vida geras,
Contínuo transmissor da eterna chama...*

*És milagre sem par, mistério mudo,
Zero que em vez de nada exprimes tudo,
E em ti Deus se resume e se proclama!*

III

MACIEIRA EM FLOR

*Fascinou-me na estrada, de improviso,
A macieira em flor maravilhosa,
Virginal, feminina, côr de rosa,
Desabrochada num total sorriso.*

*A sensação em mim foi amorosa,
Foi quasi a tentação do Paraíso,
Quando a nossa mãe Eva perde o siso
E o fruto, em vez da flor, enceta e goza.*

*E dir-se-ia que a árvore perfeita
Meus ardentes transportes não enjeita
E que à minha atracção responde a sua:*

*Pois logo desfolhou com ufania
A túnica de flôres que a vestia
E entregou-se aos meus olhos, tôda nua!*

IV

A CIDADE E AS SERRAS

*Amigo, que se vê da tua casa?
Outras casas idênticas, defronte:
Tem dois palmos, não mais, teu horizonte,
E nele não reluz nem flor, nem asa.*

*Eu, aqui, sou senhor de prado e monte;
Céu e terra são meus, quanto me aprasa;
Não há pessoa ou coisa que me afronte,
Nem frio me entorpece, ou sol me abrasa.*

*Enquanto na Cidade te amofinas
E o tédio, essa erva má, cobre as ruínas
Do teu sombrio coração bisonho,*

*Aqui, na paz de Deus, que é logo a minha,
Sigo no espaço um vôo de andorinha,
Na serra um chôro de água, e canto, e sonho...*

Alberto d'Oliveira

A vila de Sesimbra foi visitada pelos representantes da imprensa

ESTIVERAM em Sesimbra os representantes da imprensa lisboeta, onde fôram a convite dum grupo de amigos daquela formosíssima vila da beira-mar. A visita principiou pelo castelo, situado num local donde se disfruta um soberbo panorama. O reverendo António Pereira de Almeida, pároco da freguezia rural de N. S. da Conceição do Castelo, deu as boas vindas aos jornalistas e pediu-lhes para dizerem nos seus jornais que se imponha a conservação da igreja matriz, onde ha azulejos maravilhosos do século XVIII. Depois duma visita á igreja, dirigiram-se os representantes da imprensa para o Cabo Espichel, lindo pormontorio onde se erguem a prumo penedias, dum recorte assombroso, feito



Os jornalistas visitando o Castelo, acompanhados do presidente do municipio sr. capitão Preto Chagas



pelo mar. Visitada a capelinha a que está ligada a lenda do aparecimento da Senhora do Cabo e a curiosa igreja — cuja fotografia publicamos no baixo desta página — seguiram os jornalistas para a vila, onde na Câmara Municipal, o sr. capitão Preto Chagas declarou que Sesimbra tem uma classe piscatória que se compõe de três mil homens, os quais não se queixam da crise nem do infortúnio. Vivem felizes com o seu destino e só pretendem uma coisa: que os deixem trabalhar. Nem sempre, porém, isso lhes é facultado porque a falta dum porto de abrigo os empurra para a ociosidade e para a miséria, nos momentos em que o mar é mais poderoso do que a sua heroicidade e a sua bravura. O nosso colega Martins dos Santos agradeceu as saudações dirigidas á imprensa e prometeu em nome dela, fazer o possível para que os poderes públicos olhassem um pouco para as necessidades dos sesimbrenses. Depois de rapidamente se visitar a fortaleza de S. Tiago, foi servido um almoço regional no local onde Sesimbra deseja ver construído o seu porto de abrigo, no Forte do Cavallo. Falaram os srs. capitão Preto Chagas, reverendo Pereira de Almeida, e o capitão-aviador Moreira Cardoso pediu uma saudação especial ao marítimo Alfredo Pitorra, que se encontrava entre os convivas, pelo seu acto de heroísmo praticado ha meses, tendo salvo 45 pescadores duma morte certa, afrontando o mar. Terminou a visita por um largo passeio pelo Oceano, junto á costa das furnas, e pelo espectáculo curioso do levantar de duas rédes de pesca.



Ao CENTRO: Uma vista da praia de Sesimbra, vendo-se á esquerda a fortaleza de São Tiago. EM CIMA: Os representantes da imprensa de Lisboa, depois do almoço regional, fotografados ao lado do marítimo Alfredo Pitorra, que salvou em abril ultimo, mais de 40 pescadores. EM BAIXO: A igreja da Nossa Senhora do Cabo no Cabo Espichel



UMA MARAVILHA

A Virgem do Vale

que se venera em Ceuta
foi arrancada a uma barca real
no dia da conquista daquela praça

A Portuguesa, a Conquistadora, a Virgem do Vale, tais são as designações por que Ela é conhecida. No entanto, a magia do seu olhar é tal, que pode obrar maravilhas.

A *Conquistadora* de Ceuta? Haverá ainda um peito lusitano que ignore êste místico manancial de inesgotáveis imanações luminosas, dum colorido estranho, a desdobrar-se, a transbordar de influxo de amor, que vitaliza e apaixona? Não o creio. Todos o conhecemos ou a presentimos. E, se o afirmo, é porque penso que não existe um só português que não esteja imanado pelo extraordinário encanto desta obra prima do século xv.

É admirável a Virgem do Vale que eu fui encontrar em Ceuta.

A-pesar-de sermos iconoclastas, fomos atraídos pelo aveludado das suas linhas primorosas; pela serenidade estoica da

sua presença, calada e indiferente ao séculos; e, pela época que representa, vale a história imortal dum povo soberano.

Foram as suas virtudes intemeratas que trouxeram a Marrocos um ínclito infante, que abriu com a espada e o saber as portas dum grande Império; tomára-se Ceuta e Alcacer-Seguir; Arzila e Tanger vinham às nossas mãos; depois foram Asfi e Azemur; um pouco mais tarde Mazagão (Djedida) e Casa Branca (Dar-el-Baida) e, por fim, dera-se a trágica aventura de El-Rei Menino, que passará, através de tódas as épocas, como um acontecimento contemporâneo.

Engenhosamente, dilatára-se Portugal; de alma grandiloqua, afeiçoára-se aos grandes feitos, escudando caravelas por entre argenteas escumas de mares ignotos.

A serenidade da *Conquistadora* contrasta com a acórdia do indígena alcaceireiro. Por isso riu-se do séculos. O seu olhar de piedade inculca ritmos duma vontade inquebrantável às almas que sabem lutar por uma Pátria, que sabem vêr mais alto — mais além.

Camões adorou-a decerto. Camões orou a seus pés. O grande Poëma, a sua essência foi aspirada na mirada estranha desta maravilha. O maior dos portugueses ficára assombrado.

É bela a sua história, como a das almas simples. Conta-se em poucas palavras, apenas. Houve um rei que fôra o soberano da independência duma Pátria. Quando os seus reinos estavam unificados, um dos filhos, que era em Infante profeta, teve a visão maravilhosa de engrandecer a nacionalidade, criando o Império Português. Vira em Ceuta a *porta* dum grande mar; de um Oriente longínquo. E, como por encanto, tomára-se Ceuta. Isto passou-se em 14 de Agosto de 1415. Ora, nesse mesmo dia, transformada a mesquita da praça, em igreja e *arrancada* da barca real a imagem da *Conquistadora*, que acompanhara o inexcédível feito, fôra levada baixo do pátio, à referida mesquita, onde fervorosas preces se rezaram, continuando Ela a

A imagem da «Conquistadora» vista do outro lado



A Virgem do Vale, a santa portuguesa

iluminar o poderoso espírito de conquistas dos lusitanos.

Mas, hoje, a Maravilha, olvidada a um canto daquela igreja, a-pesar-de continuar indiferente e calada, espera o momento redentor.

Nos seus olhos há lágrimas de saudade e, no seu regaço, o fruto duma inocência. Sabe que é filha duma terra imortal, e tem fé nos portugueses de hoje e de sempre. Viu reis orando a seus pés; pedira por êles. Viu o quebrante de Alcácer-Quebir e sorriu-se. Ela sabia, no fundo da sua alma, que era passo transitório...

Adoremos, pois, êste esplendor. Acendamos velas à sua mágica presença. Venham vê-la: Ela é a imaculada precursora de tódas as conquistas lusitanas — dum Portugal grandioso.

Beijemos as linhas de raríssima beleza desta maravilha, fazendo votos fervorosos para a reconquista — espiritual, ao menos — dum Império que deixamos perder, num momento de desvaio.

José de Esaguy.



AS PRIMEIRAS PROVAS
DO
CONCURSO HIPICO INTERNACIONAL
REALISADO EM LISBOA



A sr.^a D. Kotia de Andrade, que se classificou em terceiro lugar na prova «Amazonas», num belo salto



EM CIMA: A sr.^a D. F. Dufrene, que alcançou os 1.^o e 2.^o premios da prova «Amazonas», fazendo ambos os percursos sem falhas

AO LADO: Costa Pina, montando o cavalo «Príncipe Negro» foi o vencedor da prova «Omnium», ganhando a taça para o melhor percurso, que fez em 1 m., 16 s. e 1/5

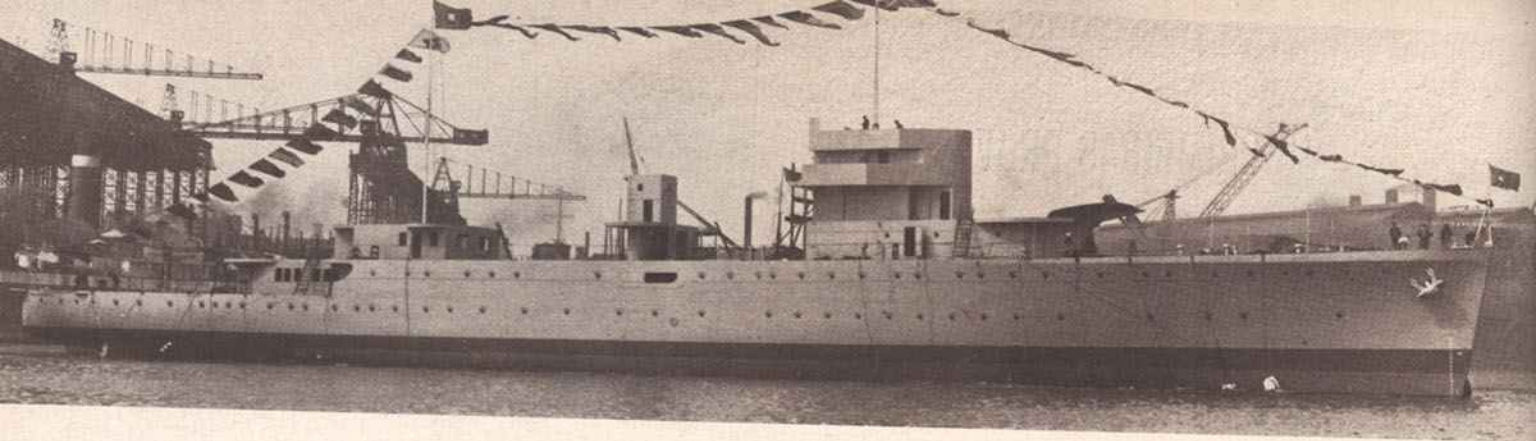


A ESQUERDA: A mesa do júri. Entre os membros veem-se os srs. tenente-aviador Humberto da Cruz e aviador civil Carlos Eduardo Ilch



A DIREITA: Os vencedores da prova de caça: Eduardo de Luis (espanhol), 1.^o premio; Castriès (francês), 2.^o premio; José Beltrão (português), 3.^o premio; Villiers (francês), 4.^o premio, e Costa Pina (português), 5.^o premio





A NOVA MARINHA DE GUERRA

A cerimónia do lançamento à água do cruzador colonial "Afonso de Albuquerque" que é o maior navio do programa naval

ESTIVERAM em festa no dia 28 de Maio, os estaleiros Hawthorn Leslie, de New-Castle. Era o lançamento solene do aviso de 1.^a classe — cruzador colonial digamos melhor — "Afonso de Albuquerque". Havia bandeiras de Portugal e da Inglaterra por toda a parte e alegria em toda a gente. O novo barco, alteroso, na carreira, era objecto da curiosidade geral. Os seus 103 metros de comprimento imprimiam-lhe grandesa e imponência.

Os portugueses eram em grande número: o embaixador Rui Ulrich e sua esposa, a senhora D. Genoveva de Lima; o consul de Portugal em New-Castle, sr. dr. Sousa Santos; as Missões Navais Portuguesas em peso, com todos os seus componentes, comandantes Almeida Henriques, Santar do Amaral (que a morte havia de arrebatar poucos dias depois!) Correia Pereira, Correia da Silva (Paço

d'Arcos), Nuno de Brion, Esparteiro, e tantos outros; o comandante Startin, em representação do almirantado inglês; o sr. Frederick Adams, pelo governo britânico; os jornalistas portugueses Artur Portela e Maurício de Oliveira; autoridades de New-Castle e mais algumas dezenas de convidados entre os quais muitas senhoras portuguesas e inglesas.

Recebidos amavelmente pelo ilustre engenheiro Robin Rowell, director dos estaleiros Hawthorn Leslie, todos os convidados atravessaram as grandes oficinas em laboração, tomando lugar na tribuna de honra, onde brilhava o braço de Afonso de Albuquerque, destinado ao novo barco de guerra.

A cerimónia foi breve mas emocionante. O sr. Rowell em nome da empresa Hawthorn Leslie, convidou a ilustre escritora sr.^a D. Genoveva de Lima Mayer Ulrich, embaixatriz de Portugal, a que-

brar uma garrafa de vinho do Porto contra a prôa do navio. A embaixatriz pegou numa garrafa envolta nas côres nacionais e procedeu á cerimónia.

O navio começou deslizando, então, pela carreira. Na ponte de comando seguia o comandante Almeida Henriques, que levava um ramo de flôres que, momentos antes, lhe fôra oferecido pela embaixatriz de Portugal. Quando o barco começou a descer, o sr. Rowell soltou um "viva" á Marinha de Guerra Portuguesa, "viva" que foi sublinhado com uma vibrante salva de palmas.

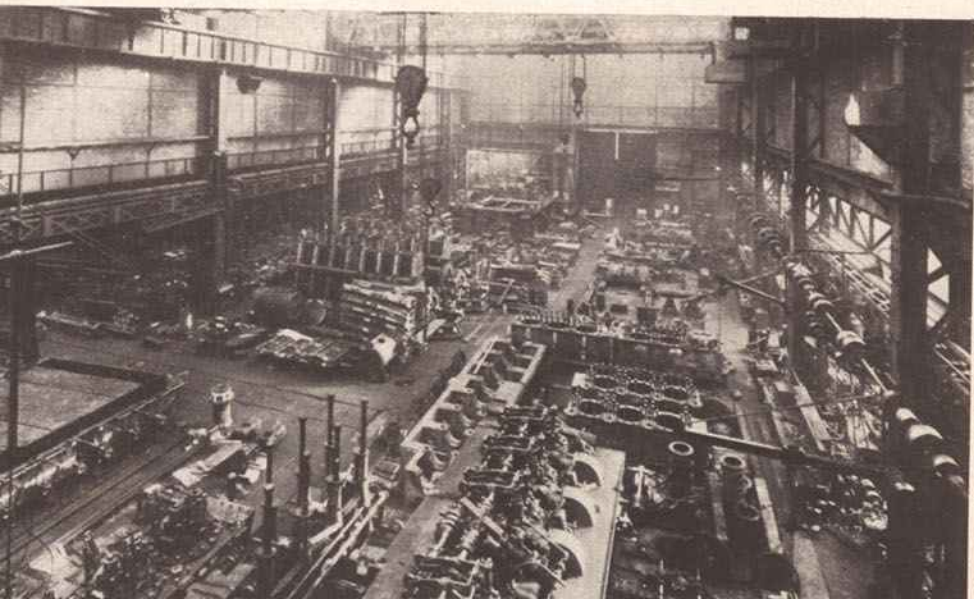
Os estaleiros, cheios de operários e de pessoas de suas famílias, ofereciam um admirável aspecto.

O aviso, embandeirado em arco, desceu, vagarosamente, a carreira, entrando na água elegantemente.

Após o lançamento, a embaixatriz de Portugal abraçou o sr. Rowell, que foi saudado também pelo embaixador e restante assistência.

Seguidamente realizou-se um lanche, presidindo o sr. Rowell, que tinha á sua direita, a embaixatriz e á esquerda o embaixador. Antes dos brindes o sr. Rowell levantou "vivas" ao rei Jorge e ao presidente Carmona, secundados com grande entusiasmo.

O sr. Rowell começou, depois, o seu discurso saudando, em nome da casa construtora, o Governo português, pela passagem, naquele dia, do oitavo aniversário da Ditadura, recordando que foi ela que reorganizou



Uma das maiores oficinas dos estaleiros Hawthorn Leslie, onde se trabalhou na construção do «Afonso de Albuquerque»

a Marinha de Guerra portuguesa. Fez o elogio do sr. general Carmona, pondo em destaque a obra do sr. dr. Oliveira Salazar. Afirmou que o crédito externo de Portugal é honroso para o País e analisou largamente a obra da Ditadura, que disse conhecer, por ter visitado Portugal varias vezes. Salientou o desenvolvimento da agricultura e do comércio e a melhoria geral da situação portuguesa.

Teve palavras elogiosas para a acção colonizadora de Portugal, afirmando que a nova esquadra terá importantes funções a desempenhar no Império ultramarino. Aludiu também à acção do Governo português, tendente a solucionar o problema do desemprego.

Analisando o valor dos navios encomendados à sua empresa, disse que estes avisos de 1.ª classe são verdadeiros cruzadores coloniais, enumerando as suas características. Terminou elogiando os oficiais das missões portuguesas e acentuando a boa amizade existente entre Portugal e Inglaterra.

Seguidamente o comandante Startin, em nome do almirantado inglês, disse

ser com satisfação que a Armada britânica verificava o ressurgimento da Marinha Portuguesa, cujo prestígio ainda recentemente teve ocasião de observar na sua passagem pelo Extremo-Oriente. Destacou a actividade dos estaleiros durante a guerra, terminando com uma calorosa saudação a Portugal pelos seus novos navios. Foi também muito aplaudido. Falando em inglês, o embaixador de

Portugal, começou por agradecer a recepção que lhe havia sido feita. Fez o elogio da obra da Ditadura, dizendo estar satisfeito com o presente da sua Pátria e confiado no seu futuro. Afirmou que a nova esquadra portuguesa terá por fim a defesa do prestígio nacional, pois Portugal quer continuar a manter boas relações com todo o mundo. Terminou com palavras afectuosas para a Inglaterra e o seu rei e bebeu pela prosperidade da empresa Hawthorn Leslie e do seu director.

Em português, o sr. Rowell, voltou a falar, para saudar a embaixatriz, madrinha do novo barco, a quem ofereceu uma lembrança comemorativa da cerimónia. Falando da sua admiração por Portugal, disse:

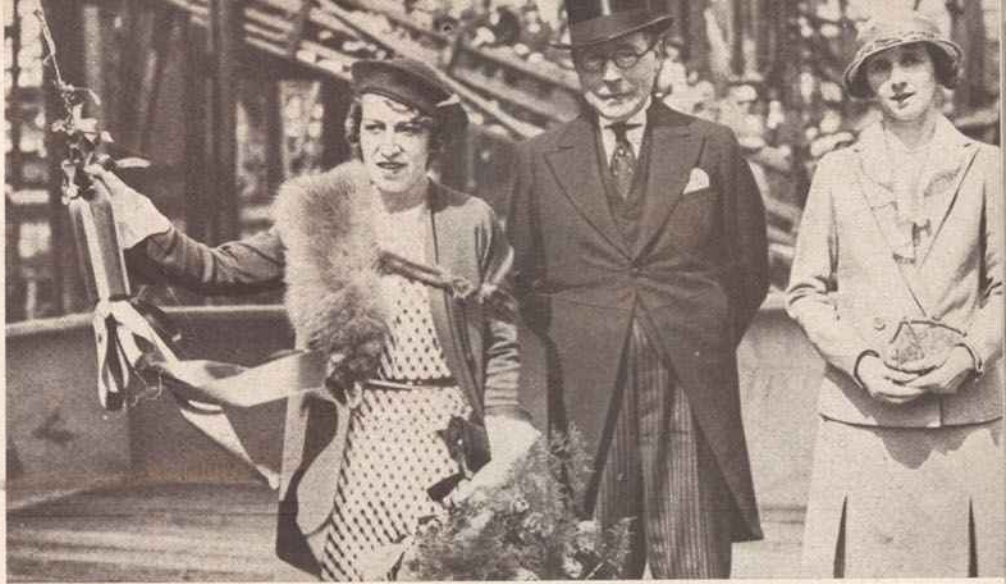
— Conheço algumas palavras da bela língua de Camões e outras dos saloios e das varinas, personagens tão características de Lisboa.

Por último a embaixatriz agradeceu a oferta do brinde e a recepção feita, dizendo:

— Como embaixatriz represento também Portugal, cumprindo, assim, o dever de agradecer a hospitalidade que tivemos em New Castle.

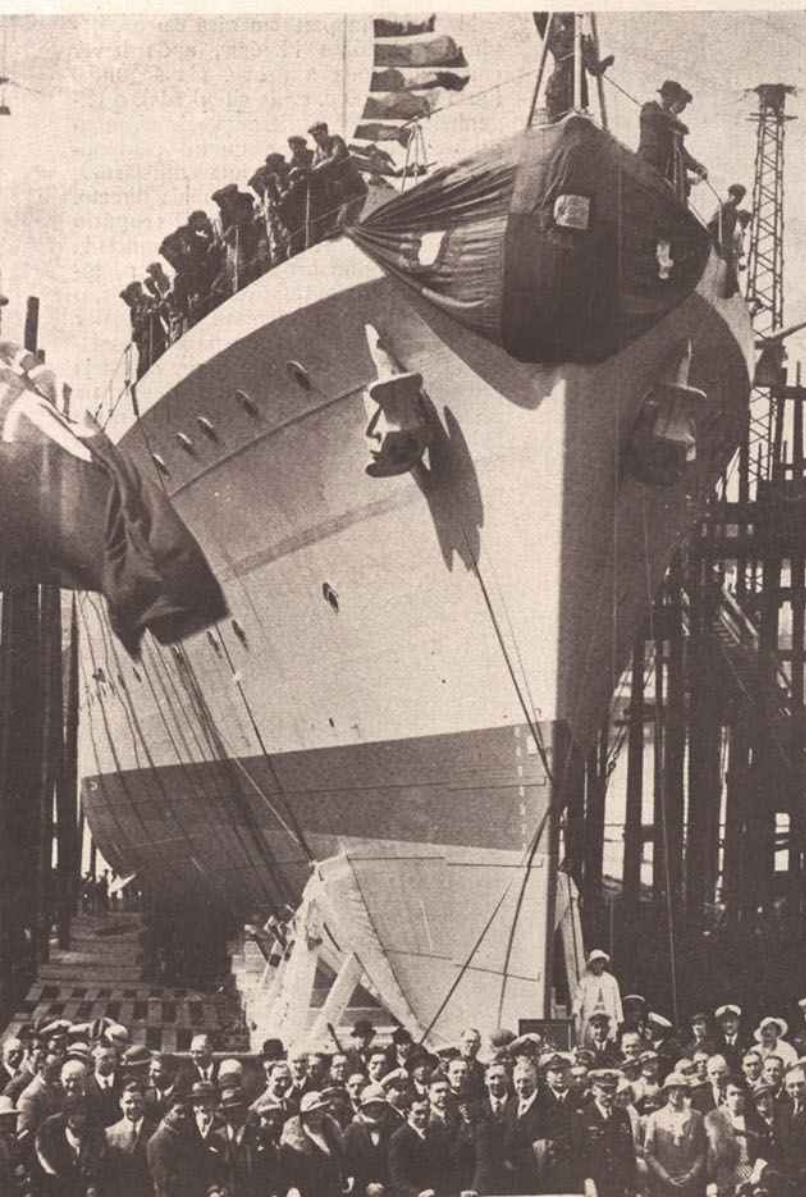
E assim terminou numa atmosfera de cordealidade, a festa portuguesa nos estaleiros Hawthorn Leslie, de New Castle.

Dias depois, em Barrow-in-Furness, nos estaleiros da empresa Vickers, foram lançados à água os submersíveis "Espadarte" e "Gollinho". Dessa cerimónia daremos, no próximo número, larga reportagem fotográfica.



EM CIMA: A sr.ª embaixatriz de Portugal, D. Genoveva de Lima Mayer Ulrich, ao lado do seu marido e da esposa do engenheiro Rowell, no momento do baptismo do cruzador «Afonso de Albuquerque»

A ESQUERDA: Aspecto da assistência ao lançamento, junto a prôa do novo barco, momentos antes da cerimonia, entre a qual se vêem os jornalistas Artur Portela e Mauricio de Oliveira



As provas de automóveis e motos no Parque Eduardo VII

As corridas para motos e automóveis realizadas num difícil percurso traçado nas ruas que serpenteiam pelo Parque Eduardo VII, podem enfileirar com justiça ao lado do que de melhor se tem organizado em Lisboa.

O valor dos condutores portugueses ficou eloquentemente demonstrado, tantas eram as dificuldades do acidentado percurso que tinham a cobrir algumas dezenas de vezes, e representava para eles um constante perigo. Desta circuns-

sua perícia de piloto. Após a décima volta, porém, e como consequência do calor excessivo, os travões da máquina de Black, cujo funcionamento parece se adaptou mal ao constante trabalho imposto pelas dificuldades do percurso, perderam toda a sua acção, obrigando-o a afrouxar o andamento para evitar algum desastre.

Desta circunstância aproveitou Angelo



Angelo Bastos, vencedor da corrida de motos, numa curva

inferiorizaram Black, e pertencendo-lhe a maior velocidade registada numa volta de percurso, $1^m 13^s \frac{3}{5}$, correspondente à média horária de $78^{\text{km}}/994$.

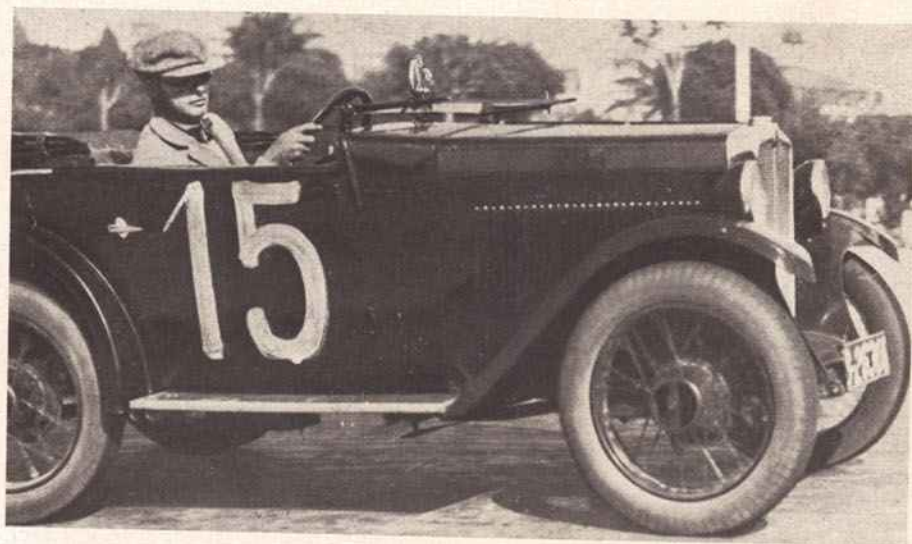
Na categoria juniors (máquinas de tipo sport, tomaram parte também apenas três motociclistas, os quais travaram entre si, de princípio a fim, uma luta ardente e incerta, terminando a curta distância uns dos outros. Venceu Augusto de Almeida, seguido por Campos e José Campina.

Foi mais avultada a inscrição nas provas reservadas aos automóveis de tipo «sport», divididos em duas categorias.

Na primeira partiram oito carros, ganhando António Herédia, após haver conduzido toda a prova. Na segunda, (mais de 3.000 c. c. de cilindrada), o engenheiro Ribeiro Ferreira alcançou o primeiro lugar sobre quatro competidores, depois de uma luta entusiástica, na qual Seixas foi o rival mais directo.

O êxito desta jornada é de feliz augúrio para a nova série de corridas anunciada para 1 de Julho próximo e na qual tomarão parte os automóveis de corrida, o que assegura um interesse ainda maior e uma emoção constante para os assistentes. Lamentemos que a prova esteja privada do concurso dum dos mais brilhantes volantes lisboetas, Henrique Lehrfeld, vítima de desastre quando em tentativa especial pretendia bater o record do tempo numa volta.

Ribeiro Ferreira, num «Terraplane», vencedor da 2.ª corrida «Sport»



António Herédia, em «Morris», que ganhou a 1.ª corrida

tância se ressentiu a animação da prova, cujo número de participantes, muito reduzido, devemos considerar directa consequência das condições impostas.

Na categoria «seniors», com motocicletas de corrida, apenas alinharam três participantes, número evidentemente escasso para as possibilidades do meio, se as avaliarmos pela concorrência habitual do antigo Circuito General Carmona, no Campo Grande.

Felizmente para o público, o duelo travado entre Alexandro Black e Angelo Bastos teve largo período de incerteza, que bastou para assegurar o interesse da corrida. O terceiro concorrente, António Tomaz Quartim, desistiu logo à segunda volta, vítima de queda numa das mais difíceis viragens, sem consequências graves para ele, mas que lhe inutilizou a máquina.

De início, Black, o glorioso defensor das cores portuguesas nas provas internacionais de Montjuich, em Barcelona, manteve-se à cabeça da prova, impondo um belo andamento e demonstrando a

Bastos para tomar a primeira posição, destacando-se cada vez mais ao seu infeliz adversário, o qual nem conseguiu terminar o percurso. A vitória do hábil corredor de S. João da Madeira, foi sob todos os pontos de vista brilhante, nada se ofuscando pelos acontecimentos que





O aviador Plácido de Abreu

A MORTE do aviador Plácido de Abreu «ás» mundial da acrobacia aérea

Plácido de Abreu foi há tempo designado para disputar o Certame Internacional de Acrobacia que se realizou em Vincennes. Tomou também parte nesta prova o seu camarada tenente Costa Macedo. Ambos conseguiram conquistar para o nosso país uma excelente classificação.

Poucos dias após o Certame devia realizar-se também em Vincennes o Campeonato Mundial de Acrobacia Aérea, em que tomavam parte os franceses Detroyat e Cavalli, os alemães Fieseler e Archelis, os checo-eslovacos Novak e Ambrus, o italiano Colombo e o inglês Charleson. Plácido de Abreu foi designado para disputar a Vitória a tão fortes competidores. As provas efectuaram-se nos dias 9 e 10 do corrente e constaram: no primeiro dia de dez exercícios determinados a realizar num prazo de oito minutos; no segundo, de exercícios livres à escolha dos pilotos.

Poucos dias antes, uma fábrica inglesa de aviões ofereceu ao piloto português um

e obrigar o avião a subir de novo, impõe ao aparelho um esforço que chega a ser sete vezes superior ao normal. Logo a seguir, Plácido de Abreu iniciou um «tonneau», exercício que consiste em fazer o avião rolar sobre as asas tendo por eixo a carlinga. A tão pequena distância do solo, o risco de tal manobra era iminente. Há quem diga que deslumbrado pela luz de sol o aviador não avaliou a sua posição em relação ao terreno. Pensam outros que quis exceder em temeridade todos os seus competidores. Num caso ou noutro, o certo é que o avião não obedeceu a esta manobra, talvez por os planos da direcção se encontrarem deformados pelo esforço da «ressource». O «tonneau» iniciado degenerou numa espécie de «vrille», voo descendente em espiral. Segundos depois o avião chocava com o solo e incendiava-se. Plácido de Abreu foi dali retirado já sem vida.

O comandante Lelo Portela, adido aeronáutico português em Paris, que assistia às provas foi uma das primeiras pessoas a chegar ao local do acidente. Os jornais franceses elogiaram a coragem com que se lançou às chamas para ajudar a arrancar dali o corpo do seu desventurado camarada.

Após o primeiro momento de confusão, a orquestra que abrihantava o festival tocou a «Portuguesa», que a multidão ouviu respeitosamente de pé. Os organizadores do Concurso deixaram depois ao arbitrio do comandante Lelo Portela a interrupção ou prosseguimento das provas, tendo o ilustre oficial português optado por esta última solução.

Um desastre mortal acaba de pôr trágico remate na carreira gloriosa do grande piloto que foi Plácido de Abreu. A aviação nacional foi assim afectada pela perda dum dos seus melhores elementos.

Plácido de Abreu, recentemente elevado à patente de capitão, era um «ás» da acrobacia aérea reputado em todo o Mundo. As suas faculdades foram reconhecidas, em primeiro lugar, pelo grande «ás» italiano De Bernardi, que servindo-se da sua alta influência nos meios aeronáuticos internacionais obteve que Plácido de Abreu fôsse convidado a tomar parte na disputa de grandes torneios.

Foi assim que o jovem piloto alcançou a distinção de concorrer ao «Meeting» Internacional Aéreo de Cleveland, onde levou pela primeira vez o nome de Portugal. Para tomar parte nesse torneio, em competição com os primeiros «ases» norte-americanos e alguns europeus, Plácido de Abreu serviu-se do seu avião, o «Foguete». Embora este, mal dotado para a acrobacia, fôsse muito inferior ao dos seus concorrentes, as qualidades pessoais do piloto supriram em grande parte esta deficiência, como o prova de sobejo a classificação honrosa que alcançou. A «Ilustração» orgulha-se de ter dado a esse acontecimento, altamente significativo para a nossa aviação, todo o destaque a que ele tinha direito, consagrando-lhe oito páginas e uma extensa entrevista.

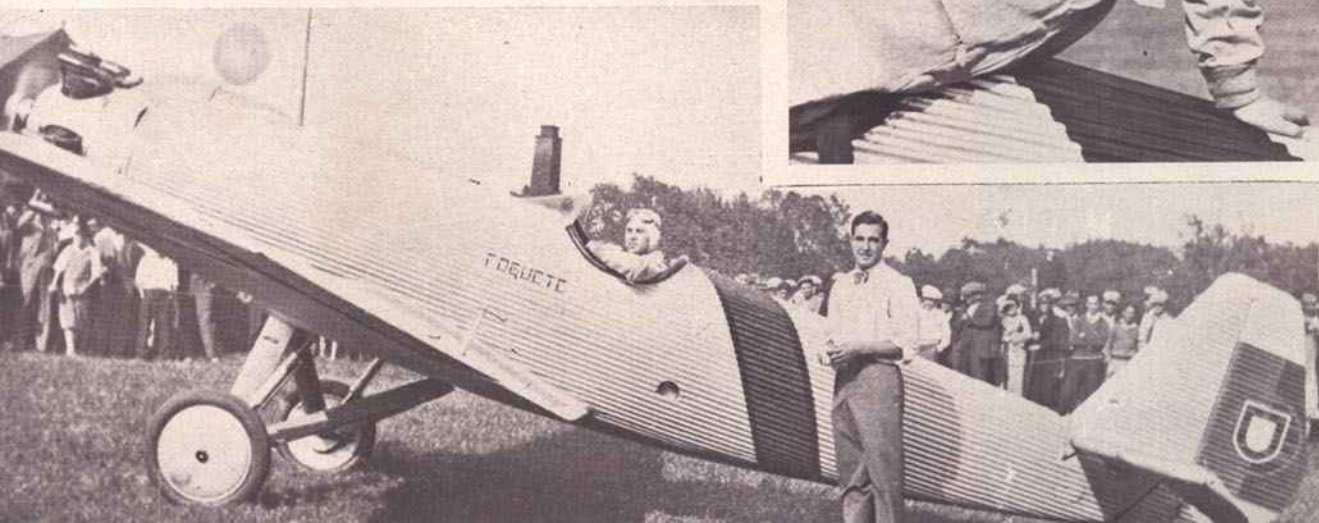
No prosseguimento da sua brilhante carreira,

aparelho para disputa da prova. Plácido de Abreu, embora habituado a tripular o seu «Foguete» não manifestou qualquer hesitação e a maneira por que se houve no primeiro dia das provas mereceu referências elogiosas da Imprensa e dos técnicos. Foi-lhe atribuído o 5.º lugar, tendo apenas 20 pontos abaixo do 1.º classificado e 45 pontos acima do último. Era já um magnífico resultado e deve ter estimulado Plácido de Abreu a dar no dia seguinte a medida total da sua audácia e da sua perícia.

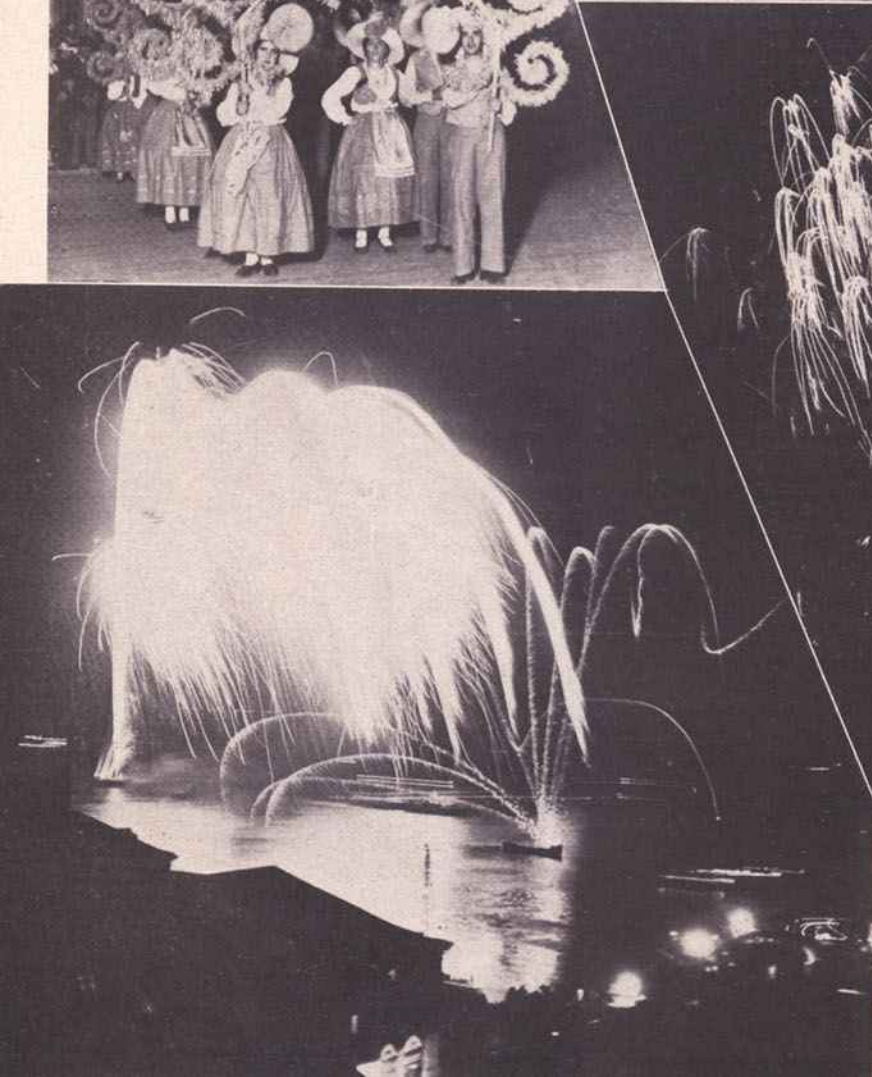
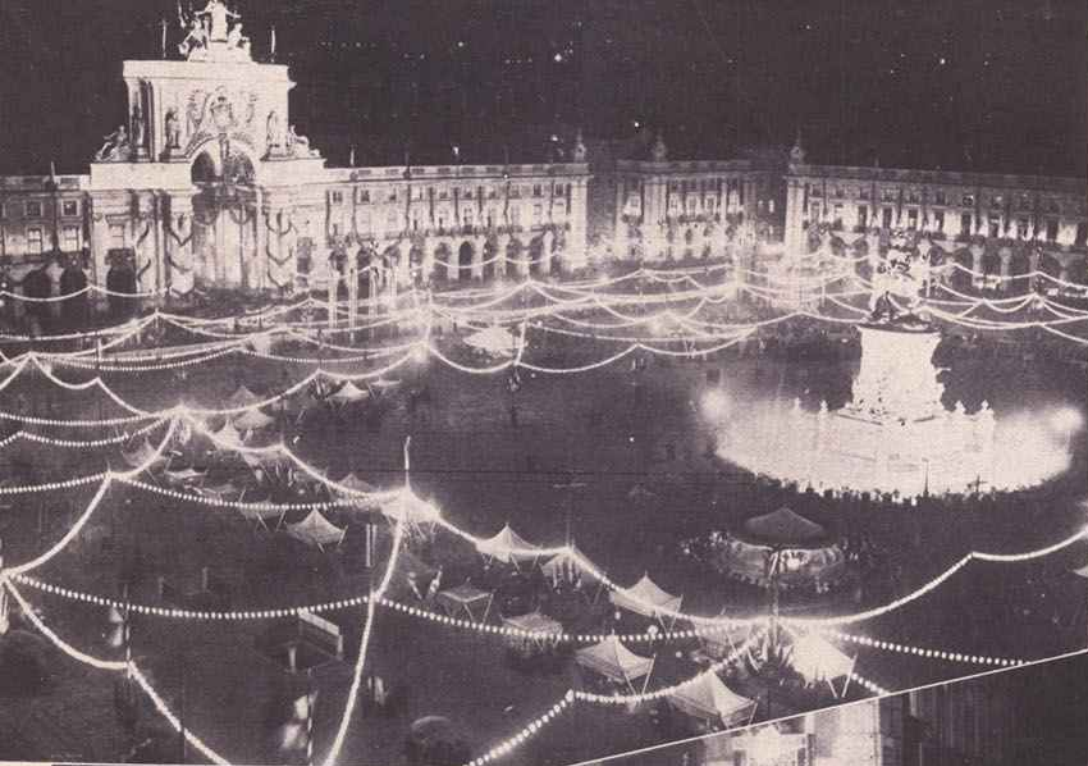
Foi nessa altura que sobrevicou o desastre. Em que condições se deu ele? A julgar pelos pormenores conhecidos através da informação telegráfica, Plácido de Abreu descera a pique e chegado a 50 metros do solo fez uma «ressource». Esta manobra, que consiste em sustar a queda



Em cima: Plácido de Abreu agradece, em Cleveland, a ovação do público. Ao lado: O «Foguete», vendo-se ao lado o mecânico Lobato que acompanhou Plácido de Abreu a América do Norte



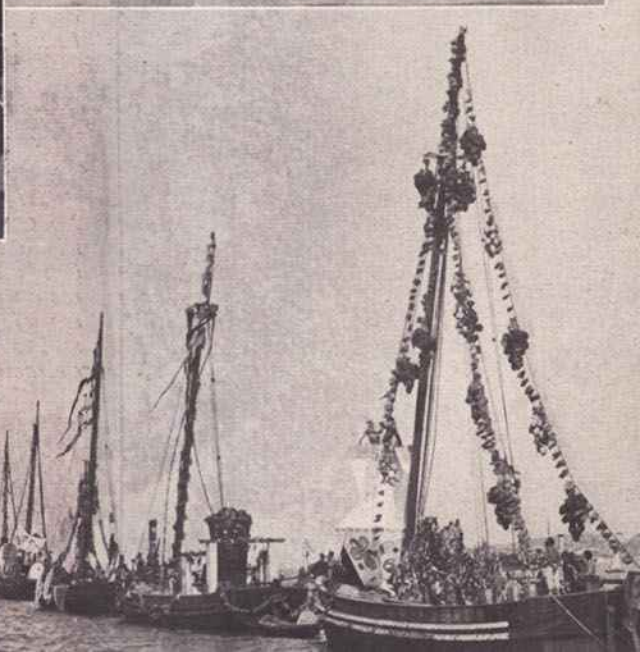
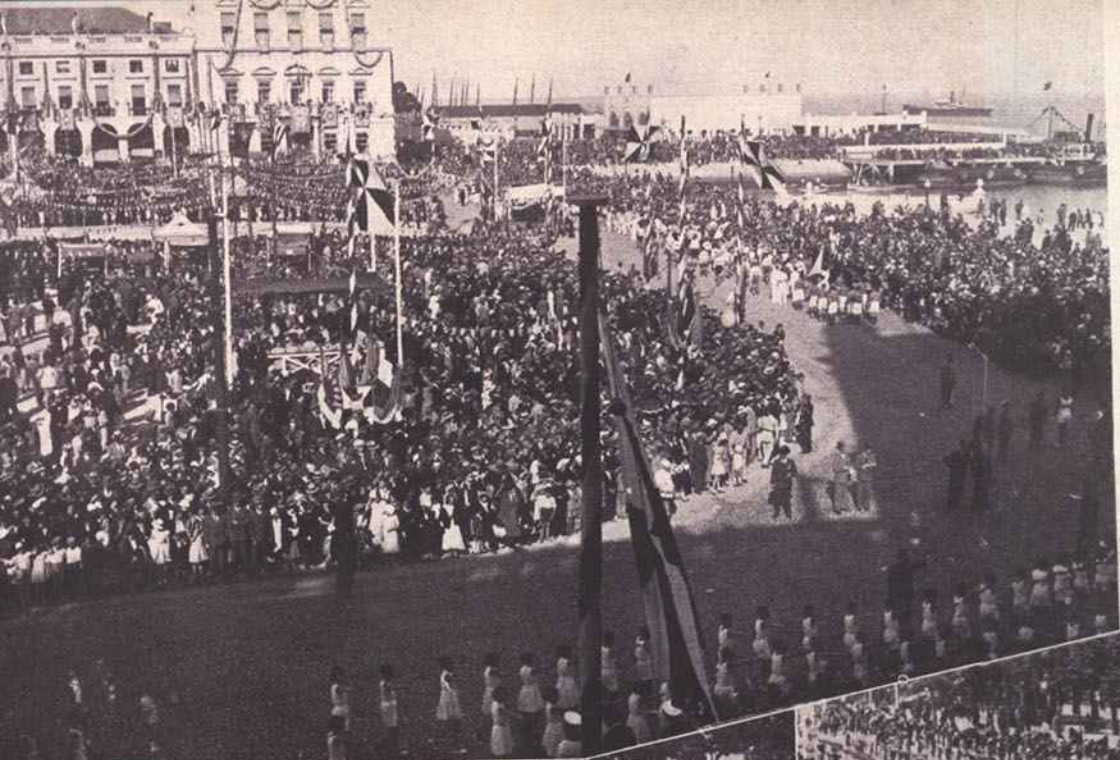
As festas da cidade



Vários aspectos das marchas populares nocturnas e do fogo de artifício queimado no Tejo. Ao alto da página damos uma fotografia do Terreiro do Paço, onde se efectuou o Arratal e a Feira, vendo-se a estatua de D. José e o Arco da Rua Augusta profusamente iluminados

A parada atlética e os cortejos Fluvial e de viaturas dos bombeiros

À ESQUERDA E AO CENTRO: Vista do Terreiro do Paço, durante a passagem da parada atlética e dois aspectos do desfile na Avenida da Liberdade



EM CIMA: A Praça da Figueira na véspera de Santo António. AO ALTO, À DIREITA E EM BAIXO, À ESQUERDA: Uma bomba antiga e três aguadeiras do século XV. À DIREITA: Os barcos engalanados a caminho do Terreiro do Paço

A reconstituição duma Embaixada Portuguesa do século XVIII

constituiu
um
espetáculo
deslumbrante
verdadeiramente
imponente



AO CANTO: A "Embaixatriz" (a actriz Maria Clementina), ao subir para o coche real

À ESQUERDA: Os dois homens de armas — com as suas pesadas armaduras — que entusiasmarão o público

EM CIMA: O grupo dos porta-estandartes e a bandeira real



AO CANTO: Um dos alabardeiros que acompanhava o magnífico carro do Estado

À DIREITA: Duas gentis donzelas aristocráticas sorriem para o povo, de dentro da sua linda berlinda

EM CIMA: Um dos coches ao tornar o Terreiro do Paço



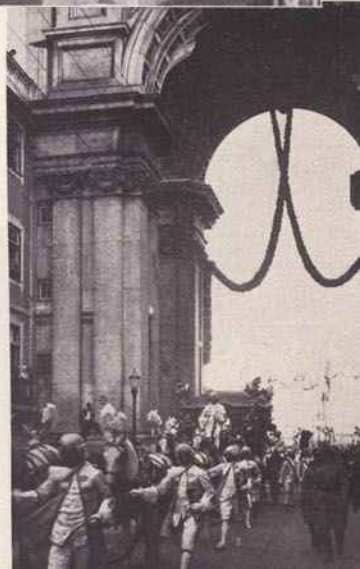
À ESQUERDA: Berlinda Luiz XV com duas damas da Embaixatriz e uma açafata negra

AO CENTRO: O cortejo abria com uma banda de trombeteiros em cavalos brancos, ajazados a vermelho e ouro nas charamelas e trombetas



À DIREITA: O lindíssimo Carro do Estado ao transpôr o Arco da Rua Augusta vindo do Terreiro do Paço

À ESQUERDA: Aspecto do Rossio à passagem do coche, que conduzia o Embaixador, a Embaixatriz e o veador de serviço, que era puxado a 18 cavaleiros brancos



A representação do "Auto de Santo António" no adro da Sé de Lisboa



AO ALTO DA PAGINA: *Estevão Amarante, no papel de «Santo António» e Amélia Rey Colaço recitando os versos do prologo.* — A DIREITA: *O grupo das Tagides.* — EM BAIXO: *Os intérpretes do «Auto» depondo um ramo de flores no monumento de Augusto Rosa e dos aspectos do auditório, vendo-se a esquerda, numa janela, o sr. sr. Oliveira Sizaçar, chefe do governo e engenheiro Sebastião Ramires, ministro do comercio*

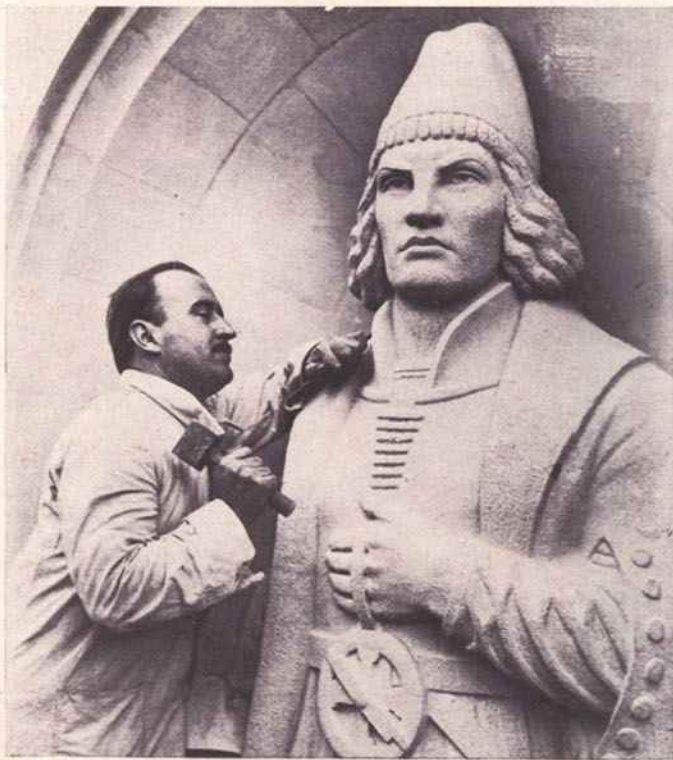


No Grémio Literário



NOTÍCIAS DA QUINZENA

Uma estátua a Bartolomeu Dias em Londres



Na praça Trafalgar, em frente da fachada da Casa da Africa do Sul, na capital inglesa, foi há dias inaugurado um monumento ao glorioso descobridor português Bartolomeu Dias. O embaixador de Portugal, sr. dr. Rui Ulrich, descerrou a estátua. A figura do insigne navegador fica assim perpetuada em Londres, no mesmo local onde se eleva o monumento ao famoso navegador Nelson. A gravura que publicamos, mostra-nos o escultor Coert Steynberg dando os últimos retoques no seu notável trabalho.

O embaixador de Portugal no Brasil



O sr. dr. Martinho Nobre de Melo, que há tempos vem exercendo o alto cargo de embaixador de Portugal no Brasil, é um ótimo cavaleiro. Há meses, visitou S. Paulo, a florescente cidade brasileira. A nossa gravura mostra-nos o ilustre diplomata na Sociedade Hípica daquela cidade, acompanhado pelo *sportman* sr. Manuel Dantas Mendes Cruz, figura de relevo da nossa colônia, e que actualmente se encontra matando saudades em terras de Portugal.

Gabriela Philip



Vai auseniar-se para o estrangeiro, depois de ter vivido entre nós largos anos, a ilustre cantora sr.ª D. Gabriela Philip. Antes, porém, realizará um concerto, onde reunirá os apreciadores do *belo canto* que admirarão, mais uma vez, a maravilhosa voz de que é possuidora.

Mário Barros



O jornalista Mário Barros, do *Diário de Notícias*, camarada distinto, roubou umas semanas aos seus afazeres profissionais, e deu-nos uma curiosa novela de sentimento — descrita em cartas, género de literatura das mais difíceis — a que pôs o título de «Uma mulher...» A sua leitura prende a alma feminina, principalmente, pois que se trata dum caso de grande interesse dramático. A crítica vem recebendo «Uma mulher...» com grandes elogios, sendo unanime em afirmar que de Mário Barros mui o tem este género de literatura ainda a esperar.

Dr. Mota Cabral



O autor do *Á vara larga* e *As Sol* — duas obras cheias de colorido e de alegria — publicou agora um curioso estudo sobre um livro de Marañon, médico notável no país vizinho. O dr. Mota Cabral analisa «Raiz y decoro de España» do seu colega espanhol — obra de crítica construtiva e histórica, escrito com labores de humanista — duma forma agradável e cheia de desassombro, própria do seu espirito observador, despojado e superior.

REALIZA esta noite, no salão do Grémio Literário, e a convite da sua direcção, à qual preside o sr. dr. João Emauz Leite Ribeiro, uma conferência sob o tema «Le symbolisme économique et l'origine des crises générales», o notável professor sr. dr. Eugène de Barys, catedrático da Universidade Livre de Bruxelas e considerado um dos mais competentes mestres em materia financeira e económica. O assunto da conferência, que é de flagrante oportunidade, está interessando todos os que entre nós se dedicam a esses estudos. A entrada é feita por convites do Conselho Directivo do Grémio Literário, por iniciativa do qual a conferência se realiza.

Literatura infantil



COM o sugestivo título «As profissões humildes das crianças» acaba de publicar o sr. Oliveira Cabral, uma obra interessante destinada a um grande éxito de livraria. Trata-se de 30 canções infantis, feitas dentro dum género novo entre nós, que já vêm acompanhadas por música, da autoria da sr.ª D. Estefânia Cabral, e que são ilustradas com centenas de desenhos do conhecido artista Carlos Carneiro, que servem também para serem coloridos pelas crianças. É um livro agradável à vista, útil às escolas e que, pela sua originalidade e imaginação exuberante, se recomenda aos leitores.

Rafael Marçal



A história dos Marçais — dos conhecidos homens que lutaram pela liberdade — está agora feita por Rafael Marçal, em linguagem clara e simples, num volume, publicado há dias, com o título «Os Marçais de Fozcôa». É uma obra digna de figurar nas estantes dos estudiosos e investigadores, pois, encerra factos desconhecidos até hoje. Rafael Marçal mostra-nos ser um observador criterioso e traz a lume documentos interessantes que vêm fazer revelações na época agitada das lutas liberais.

A FESTA DO AMOR

O amor fez do mundo o seu império. Não há que o negar. Mas a força da sua acção não tem em tôda a parte a mesma intensidade, embora dê sempre os mesmos resultados.

Varia segundo a latitude, o clima e várias causas que compõem o *habitat* em que o individuo se desenvolve, sem esquecer — é bom lembrar a via do sangue, que é das mais poderosas influências e que tem sob a sua guarda o pobre barro que nós somos.

E provado que, afinal, a matéria tudo domina, mesmo contra nossa vontade, assim como a sua influência se exerce suave ou brutal, assim o espírito se molda, e nos dá os românticos, sempre presos dum ideal, os banais, que só no acto da posse acham a satisfação de todos os desejos, os violentos cuja alma ferve em comunhão absoluta com a carne inquieta e insaciável, e os outros os neutros, que não são nada, matéria inerte e sensibilidade dormente, que se murcham e secam nas poeiras das bibliotecas ou nos laboratórios onde um sôro, mais ou menos problemático, lhes é a única razão de viver.

E há ainda outra espécie, que não cabe na índole deste artigo e que eu deito fóra, por incapaz de me dar um exemplo desse amor que Deus doou ao homem para recompensá-lo da laboriosa tarefa da vida, e ao mesmo tempo para castigo das suas faltas ao código de moral que lhe foi imposto pelo mesmo espírito de justiça e equidade, que é o único juiz com quem podemos contar.

Os mais felizes ou infelizes, segundo o prisma porque os vejamos, são os nórdicos, cujo sangue refrescado por neves ancestrais lhes permite roçar uma bela anca ou encarar uma bôca arqueada pelo próprio Cupido, sem que a tentação os arraste à paixão indomável em que a carne quer a parte de leão, quando coroados dos louros de vitória.

E só isso torna possível, por lá, por essas paragens onde eles passeiam indiferentes o seu arcaboiço fumante e preguiçoso — nas lides amorosas, compreenda-se — só por isso é lá possível, repete-se, essa *Nackthultur*, essa mistura de epidermes, tostando juntas ao sol, sem «câche-sêxe» e duma desvergonha, sublime à força de indiferença.

Se fôzse cá, se fôzse em qualquer país latino, estavamos arranjados. Podia ser que pelo hábito de ver isto e aquilo, de tão perto tocarem o que na sua imaginação lhes parecia dantes a conquista de mais valor, podia ser que o pulso socegasse e o desejo esfriasse um pouco.

Mas duvido. Não se traz impunemente no sangue o veneno delicioso do amor, decantado pelas veias de muitas gerações, para tentar arrancá-lo ou mesmo fazê-lo parar na sua marcha distribuidora de mananciais de ternura.

Um poeta latino definiu bem o temperamento voluptuoso da sua raça.



Torcato Tasso escreveu algures que «todo o tempo que não é dado ao amor é tempo perdido». E ainda vocês, mulheres, se espantam de que aí por essa Lisboa eles torçam caminho, para ir na peugada de uma de vocês que lhes deu no goto, na qual viram «não sei quê» que os fez esquecer obrigações e deveres.

Alguns ainda puxam pelo relógio, a ver o tempo de que dispõem, mas vão sempre além do último minuto livre, e seguem, mesmo sabendo que nada têm a esperar.

Ah! mas a par de tanto zêlo, a par de tantas carícias e de múltiplos madrigais quási tão bonitos como o já citado, há

também os que amam de pau na mão e administram beijos e alguma pancada à mistura.

Querem vocês saber o que dizia um compatriota do Tasso, que pelos modos era um daqueles que bate nas mulheres? Só isto: «As mulheres são como as costeletas, quanto mais se batem mais tenras são».

Nem tôdas «signor» Carlo Bertinazzi. Só as vulgares, aquelas de barro tôsko.

As outras, aquelas que o espírito vidrou bem, essas, são mais tenras, mais macias, mais *ternas* — que é o que você quiz dizer — quanto mais beijadas e acariciadas são.

Mas, enfim, é bom que haja de tudo na festa do amor — que por mais repetida que seja é sempre esperada com igual anciedade e o mesmo interesse.

É preciso que todos encontrem nêle o seu quinhão, qualquer que seja o grau da sua civilização ou da sua sentimentalidade.

O que o nosso amor não deve é ser, como o dos animais, apenas «um impulso momentâneo exclusivamente submetido às necessidades físicas e ao acaso dos encontros», como o define o autor de *L'inquietude sexuelle*.

O nosso amor deve ter sobretudo boa memória, para que depois da posse a lembrança do ente amado continue influenciando o nosso espírito, mesmo quando o desejo passou, e que sempre o recordemos.

Qualquer aventura que passe na nossa vida e não deixe traços na nossa recordação é como se não se tivesse dado.

Só a saudade valoriza uma loucura de amor.

E essa saudade só vem visitar-nos depois da saciedade da nossa carne, quando a alma teve com elas intêrresses intimamente ligados.

O amor carnal é uma fogueira que queima o combustível do nosso desejo rapidamente, reduzindo tudo a cinzas que o vento do olvido espalha e desfaz.

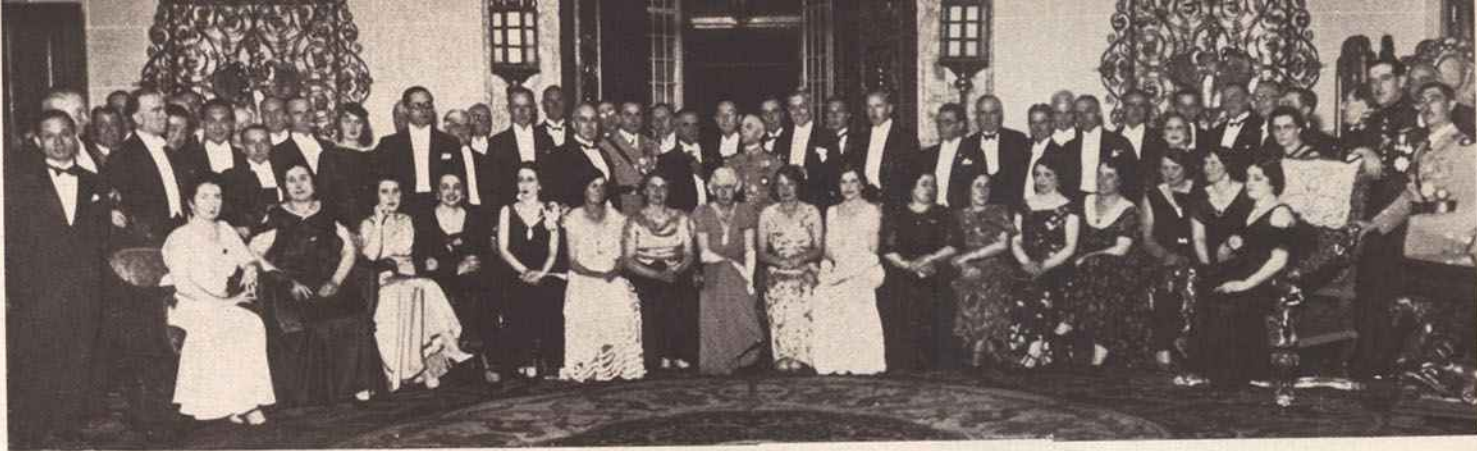
Só o amor espiritualizado arde constantemente como o amianto sem nunca se deixar queimar.

Se as mulheres que amam se compenstrassem desta verdade, não sofririam tanto com as traições do seu amado, quando essas traições apenas o interessam na epiderme, sem deixarem marcado o coração.

E tratariam de tomar-lhe por completo as forças do espírito, para que outra mulher nunca pudesse prendê-lo senão pelos laços quebradiços da sensualidade.

Mas como já disse é mister que o amor se instale em cada peito, porque deve ser como o sol — para todos!

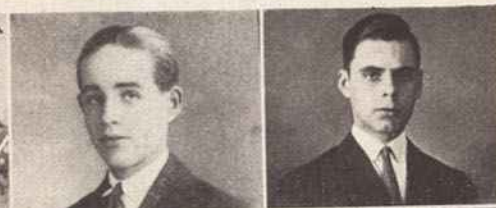
Mercêdes Blasco.



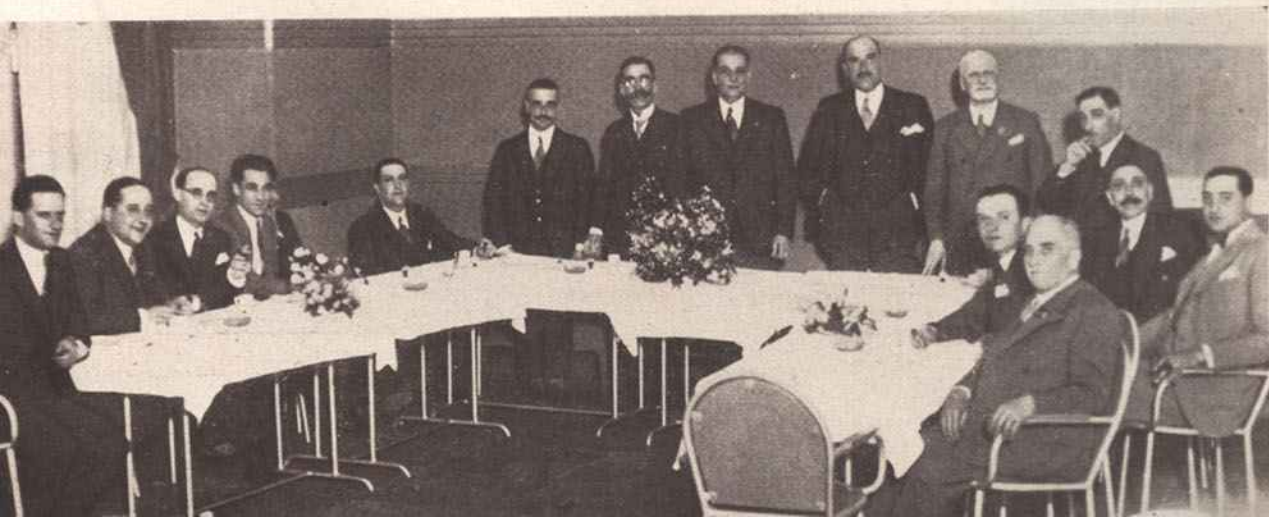
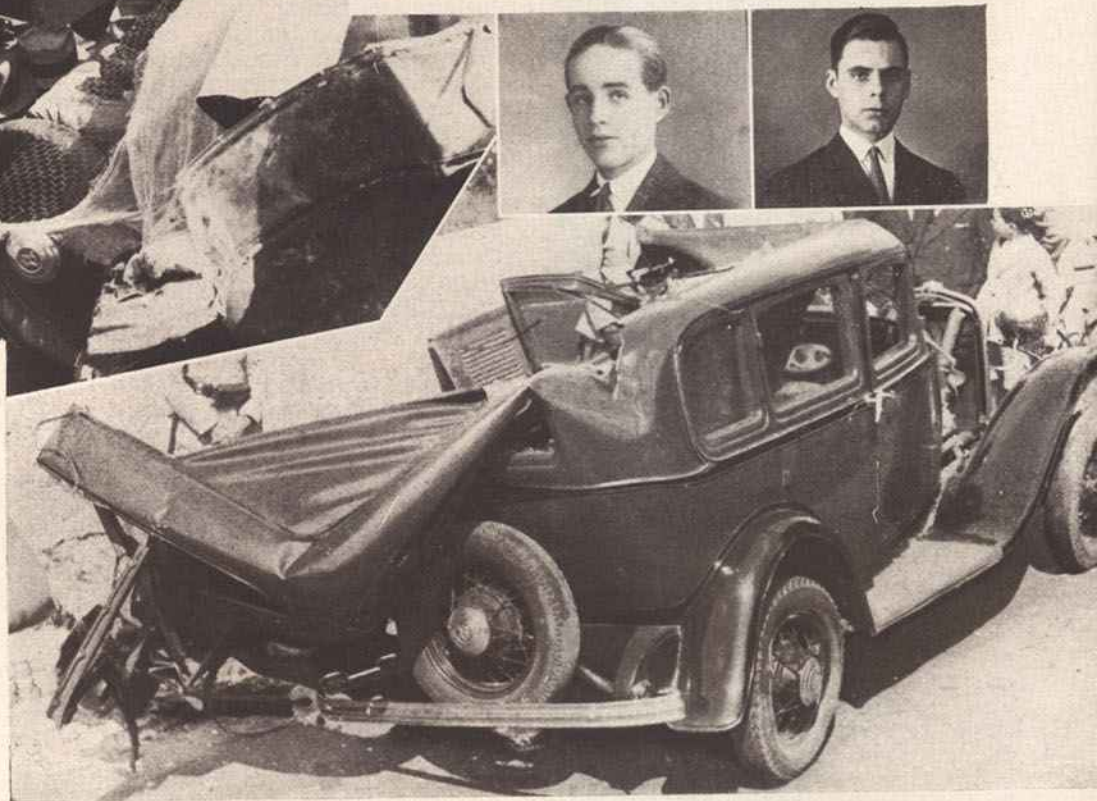
A Comissão Internacional de Navegação Aérea — A 22.ª reunião da Comissão Internacional de Navegação Aérea efectuou-se em Lisboa e inaugurou-se no salão nobre da Câmara Municipal. Houve várias sessões e realizou-se no dia 17 um banquete, cuja assistência publicamos acima



REPORTAGEM GRÁFICA DA QUINZENA



Um desastre de automóvel em S. João do Estoril — *Quanto regressava do Estoril, um automóvel, em que viajavam seis estudantes, que vinham dum passeio como oratório do bom êxito dum exame dum deles, foi de encontro a uma árvore, numa curva, e do choque havido, três encontraram a morte: o cadete Luiz Soares Branco, António Manuel de Arriaga, neto do Presidente da República sr. dr. Manuel de Arriaga e filho do sr. Roque Arriaga, funcionário superior da Assistência Pública e Jaime Branco que conduzia o carro. Os feridos foram: António Lucena, filho do sr. dr. Manuel Lucena, director do Hospital da Estréla, Rogério Gonçalves Ferreira e José Duffner. O desastre causou grande consternação, principalmente nos meios académicos*



Um banquete ao contra-almirante Oliveira Muzanty — *Um grupo de amigos e admiradores do sr. contra-almirante Oliveira Muzanty ofereceu-lhe um banquete de homenagem. O ilustre oficial de armada assumiu há dias o alto cargo de Chefe do Estado Maior Naval, o primeiro organismo técnico da nossa marinha de guerra*



Um trabalho de escultura do aluno Joaquim Correia

A FINAL, não é a Faculdade de Letras a única escola de Lisboa em que se entra descendo.

Na Escola de Belas-Artes também. E há algo de simbólico — como que uma condenação — naquela descida, por entre clássicas estátuas mutiladas de gesso baixo e frio, até ao fundo das arcadas do casarão sombrio, onde se fazem artistas como numa chocadeira se fazem pintos — desde que se metá lá dentro a matéria prima — o ovo.

Em ambos os casos, é só uma questão de tempo: umas semanas para o pinto, uns anos para o artista, e — pronto!

Há porém, a favor da chocadeira, uma diferença: é que ovo de raça dá sempre pinto de raça, ao passo que na Escola de Belas-Artes, tem-se visto muitas vezes o contrário: — que um rapaz com temperamento, personalidade e aptidões próprias entra para ali pensando sublimar essas qualidades e sai de lá vendo a natureza como a ensinava a ver, há 70 anos, o mestre de Paris que ensinou o mestre do mestre de Lisboa.

É o velho problema do ensino das Belas-Artes, que em Portugal toma um aspeto mais agudo, à força de ser crónico, e pior de resolver pelo conluio tácito das mediocridades empenhadas em perpetuar-se.

A primeira observação que se impõe nesta exposição livre dos rapazes das Belas-Artes é a de que algumas obras apresentadas figuraram já na Anual da Sociedade de Belas-Artes e fizeram até excelente figura, entre a produção de todos os demais artistas encartados.

— Serão dos rapazes que findam o curso? — dir-se-ha.

Precisamente o contrário. São primeiranistas de pintura os quatro ou cinco

expositores que melhores trabalhos mostram, aqueles em que se revela uma visão de qualidade, um arranjo agradável da composição, uma sinceridade de interpretar que não aprendeu ainda a abusar da receita.

É claro que isto não é proclamá-los desde já mestrações que nada mais temem que aprender, santo Deus! Acho antes que estes devem trabalhar muito mais do que os menos capazes, os quais, naturalmente, pouco mais hão-de fazer, por muito que os ensinem.

Quero tão sómente acentuar que esses rapazes, tão aproveitáveis, pouco ou nada devem por ora aos mestres da Escola e que é de temer vê-los enveredar pelo trilho estafado dos seus colegas mais "adiantados", daqueles que à força de se submeterem a uma disciplina visual atrofiante, a um gosto artístico morto ou sedido, a uma técnica medíocre mas ilusória, se convencem de que, pintando mais, são mais artistas.

Longe de mim a idéia de insubordinar rapazes, sempre prontos a considerar sublimes os seus primeiros vagidos e a ver os defeitos dos mestres melhor que as qualidades que eles possam ter.

Mas, realmente, a lembrança do que tem sido a Escola de Belas-Artes, com o seu clima morno e abafado, a sua tradição de formar pintores segundo o molde do professor escolhido; e escultores que, para serem um dia alguém, têm de refazer inteiramente, *ab initio*, a sua maneira de ser pessoal e sensível, tudo isto — e muito mais que fica por dizer, — me traz sérias apreensões sobre a evolução dessa meia dúzia de personalidades que desabrocham e às quais se vai impor uma tutela deformadora e talvez decisiva.

Recordo-me que um dia veio de Amaranite para as Belas Artes do Porto um pastorinho, que fora bem mais do que uma esperança, já só fazia "bonitos", com o esfuminho como qualquer dos mais insignificantes colegas e difícil seria reconhecer as belas qualidades pessoais que consigo trouxera do Marão.

Estava liquidada, desfeita em atroz banalidade, aquela força de natureza! Lembro-me também de que, nos concursos para pensionistas, se juntavam, à volta do mesmo modelo, alunos vindos dos "ateliers", de mestre Fulano e de mestre Beltrano. Finda a prova, o modelo estava traduzido em duas linguagens, em dois estilos: macilento, fino e bem construído, numa simplificação de linhas peculiar a mestre Fulano, nas provas dos seus alunos, tantos quantos eles eram; encarnado,

"Que a nossa exposição se A exposição da Escola de

membrado, com os pés, as mãos e os joelhos roxos e grossos, nas provas de todos os alunos de mestre Beltrano. Já não eram eles próprios, eram apenas sub-fulanos, e sub-beltranos.

E assim continuaram pela vida em fora.

Vejamos a Exposição: Logo à entrada, o grito jovial de um cartaz bem inspirado, brada: "Que a nossa Exposição seja um belo dia de sol!" Depois, é a descida às sujas adegas do convento de S. Francisco, ao longo dum cemitério de modelações, qual armazém de retem — estado presente do projectado Museu de escultura comparada.

E eis a sala de aula, transformada em "salon" livre, sem júri nem recompensas.

Cerca de 150 trabalhos, ao todo. A maior parte, pintura, com representação excelente — à parte umas excepções — da escultura; e um topo da sala, a cabeceira, pavoneando-se com belos trabalhos de arquitectura.

Nesta, marca um aluno que termina o curso, Paulo Cunha, — o que não quer dizer que o seu trabalho seja bem o fruto do ensino escolar, pois sabe-se em que perturbadas condições ele tem de-



Um quadro do aluno pintor Frederico George

ja um belo dia de sol!"

dos alunos Belas Artes

corrido, desde a saída de mestre Monteiro.

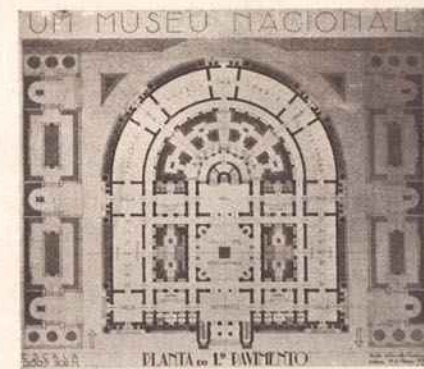
Paulo Cunha expõe um projecto de Museu Nacional para uma cidade da provincia — uma obra decisiva, pela lógica economia de planta, (economia no sentido grego original) pela conjugação íntima do estilo do alçado ao fim proposto, pelo rigor da construção no corte e até — o que não fica mal numa exposição — pela probidade do desenho e pelas facultades artísticas afirmadas na sua execução.

É prova de concurso para pensionista. E lamentamos não ver ao lado a prova preferida pelo júri. A julgar só pelo trabalho derrotado, supomos que o victorioso deve ser uma obra-prima...

Dos pintores, destacam-se Frederico George, João Veiga, Luciano dos Santos, Pinto de Magalhães e Manuel Lapa, os primeiranistas a que acima me referi.

Frederico George educou a sua visão pessoal e dá-nos ricas amostras dum bom gosto artístico que se define.

João Veiga, paleta limpa e sinceridade robusta, obteve uma medalha na Soc. de Belas-Artes com o seu "Velho Lagar de Azeite", de sólida composição, e de cores justas. As suas telas de ar livre



Projecto de Museu Nacional para uma cidade da provincia esboçado pelo aluno Paulo Cunha

tem frescura e desembaraço, raros em escolares.

Luciano dos Santos, cujo grande quadro do "Vale do Sado", nos surpreendera já na Sociedade de Belas Artes, é um colorista de raça, confinado numa tacanhice de processos que não há-de durar muito. — assim lh'o auguramos.

Pinto de Magalhães, com as suas "pochades", e tentames decorativos, mostra-se uma grande promessa. O seu N.º 52, Estudo para um retrato, é um bocado de pintura feliz.

Os pastéis de Manuel Lapa são escalas que preludiam a obra dum pintor de volume e de cor.

Habil — e abusando já da sua habilidade, — apresenta-se Manuel Lima, á procura dum estilo, em tentativas varias não desituidas de altas qualidades.

Estrêla Faria, com a sua "Natureza Morta", realiza um trecho saboroso de pintura à espatula — e porquê à espatula? — bem como no seu terraço verdejante, duma afinação delicada que não exclue vigor.

E chegamos aos quartanistas Américo Marinho e João Augusto de Paiva, o primeiro e o último do catalogo.

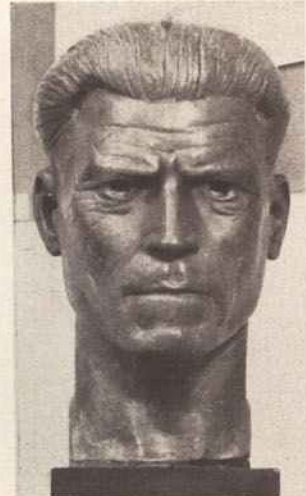
Vê-se tristemente confirmado o nosso juízo pessimista sobre a acção da Escola numa marcada vocação. Américo Marinho aprendeu a pintar, como se vê do seu carro de bois, seriamente realçado.

Mas onde estão a frescura de emoção, o encanto de exprimir o que se sente, naqueles trabalhos trabalhosos?

Chegou o momento de o pintor deixar a Escola. Deixe também atraz do portão todas as peias com que lhe travaram o passo.

João A. Paiva pinta com vontade, modela razoavelmente e a sua composição têm uma qualidade — é simples. Mas a paleta tem desarmonias, — ora estridula ora falsete — que a sua saúde visual corrigirá talvez cá fóra, bem como uma certa dureza de desenho.

Na escultura, António Duarte é a afirmação duma personalidade. A rija fereza dum caçador de elefantes ou a suavidade do sonho dum artista, ele soube vasá-las, uma e outra, nos seus bustos de João Tei-



Busto de João Teixeira de Vasconcelos pelo aluno António Duarte

xeira de Vasconcelos e na máscara de João Carlos.

António Duarte, primeiranista de escultura, ilustra sarcasticamente a desorientação da Escola: Um trabalho adquirido pelo Estado, para o Museu — e uma reprovação no 1.º ano de desenho.

Anjos Teixeira, filho, modela finamente; no seu 1.º ano de escultura, parece um quintanista — dos bons.

Alpoim deu-nos um extranho busto, equilibrado, e Manuel Oliveira dois trabalhos aproveitáveis.

E finalmente Joaquim Correia, multi-forme, procura meios de expressão ora delicados, como no retrato de Maria Eduarda, ora atrevidos e sintéticos, como nos bustos que parecem obra dum admirador de Chana Orlof.

Esta exposição em que os estreantes se afirmam duma maneira tão categórica, não pode deixar de ter uma repercussão salutar na escolha dos professores de pintura e de desenho, quando se tratar de prover as vagas da Escola de Belas-Artes.

Neste periodo de renovação, convém não perder de vista que precisamente a única grande tradição, em Belas-Artes consiste em saber renovar a seu tempo.

José de Bragança.



VIDA ELEGANTE

Chá mah-jong

A favor da instituição da caridade «Florinhas da Rua», realizou-se na tarde de quinta-feira 21 do corrente, organizada por um comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, sob a presidência da sr.^a condessa de Relvas, um chá mah-jong.

Festa do Colête Encarnado

Vila Franca de Xira, viveu durante as festas do Colête Encarnado, que se realizaram nessa vila nos dias 2, 3 e 4 do corrente, momentos de alegria, para o que muito concorreu o programa organizado pela comissão sob a presidência do sr. José Van-Zeler Palha, e do qual faziam parte: feira de gado, corridas de touros, com as respectivas esperas, e jantar à ribatejana.

De todas estas festas, apenas faremos uma mais larga referência, a única que envolveu mundanismo: o «jantar à ribatejana», que se efectuou na noite de 2, no Mercado Municipal. O aspecto do vasto recinto, onde foi servido o jantar, decorado, com festões de flores e bandeiras, era verdadeiramente encantador, para o que muito concorreu o grande numero de senhoras, com os seus vestidos de variadas cores.

Durante o jantar, que foi servido em pequenas mesas, foram executados em um estrado, por ranchos de camponesas e campalins, e raparigas e rapazes da classe piscatória, com os seus trajes regionais, danças e cantos típicos da região, que a seleta assistência premiou com fartos aplausos, que também se dirigiram à comissão organizadora, pois ela foi incansável na elaboração do programa.

Dar uma nota da assistência é tarefa difícil, contudo recorda-nos ter visto ali as seguintes pessoas:

Ministro do Interior e D. Maria Pombeiro Gomes Pereira, ministro da Colonias e D. Lucia Infante da La Cerda Monteiro, ministro do Comercio e D. Maria Izabel Roldán Ramirez, sub-secretário do Estado das Corporações e D. Maria Izabel Van-Zeler Palha Teotonio Pereira, marquesses de Ponte do Lima, condes de Bobone, condes de Castro Marim, condes de Bobone (Carlos e D. Maria Francisca), conde da Esperança, conde das Antas, comendador Carlos Nunes Teixeira e D. Joana São Mamede Teixeira, conse-

heiro Fernando de Sousa, D. Maria da Gloria Tavora de Noronha de Sá e Melo, dr. António Bustorff Silva e D. Alice Bustorff Silva, dr. Emilio Infante da Câmara e D. Maria da Nazaré Centeno Infante da Câmara, dr. João Carlos Bastos e D. Maria Izabel Rosquete Bastos, D. Pedro da Cunha (Ohão) e D. Maria Tereza da Cunha, Carlos Husum e D. Maria do Carmo da Câmara de Noronha Husum, José Infante da Câmara, D. Maria Luiza Ribeiro da Silva Infante da Câmara filha, D. Maria José Van-Zeler Palha e D. Maria Izabel da Câmara Assis Palha, Francisco Teixeira de Aguiar e D. Irene Guedes Teixeira de Aguiar, Alfredo Vieira Pinto, D. Rosalina Marques Vieira Pinto e filha, D. Germana, dr. Azevedo Gomes, dr. Guilherme de Brito Chaves, dr. José Paredes, Armando Ferreira e D. Emilia Ferreira, Henrique Botelho de Andrade e D. Alice Costa Botelho de Andrade e D. Alice Costa Botelho de Andrade, Carlos e José da Silveira Viana, D. Fernando Melo de Castro (Pernes), Francisco Sarmiento e Vasconcelos (Moimenta da Beira) e filhas D. Maria Carlota e D. Maria Luiza, Sebastião Perestrello Guimaraes e irmãs, D. Maria Eugenia e D. Maria da Natividade, José Pereira de Vasconcelos (S. Tomé) e filha, D. Maria José; D. José Saldanha da Gama e D. Eltze Saldanha Gama, D. Adelaide Mendes Leal, Manuel Pinheiro Chagas e D. Maria Abrantes Pinheiro Chagas e D. Maria da Graça Pressler Pinheiro Chagas, D. Margarida Vieira de Pinho, D. Regina Chatenares, D. Mercedes Blanco, D. Maria Mateus, dos Santos Tavares, D. Maria Luiza Mateus dos Santos, Futscher Pereira, Carlos de Ornelas, João Carlos Felix Correia e D. Alice Abranches Felix Correia, Felício São Mamede, Frederico São Mamede Teixeira, D. Maria Madal, na Fernandes de Carvalho, D. Maria do Carmo e D. Maria Luiza Van-Zeler Palha, D. Maria da Graça Reynolds de Souza Azevedo (Algés), Carlos de Vasconcelos e S. muitos artistas, representantes da imprensa da capital e regional, etc.

Casamentos

Com grande brilhantismo, realizou-se na paróquia de Benfica, o casamento da sr.^a D. Maria Fernanda Lisboa Oliveira Dóres, filha da sr.^a D. Julia Lisboa Oliveira Dóres e do sr. Alfredo Oliveira Dóres, já falecido, com o sr. D. Tomaz Maria de Almeida, filho da sr.^a D. Maria Tezera Correia de Almeida (S. Januario) e do sr. D. Tomaz de Almeida.

Foram madrinhas a mãe da noiva e avó paterna do noivo sr.^a D. Maria da Luz Chatillon, e



Os noivos — sr.^a D. Julia Lisboa Oliveira Dóres e sr. D. Tomaz Maria de Almeida — no dia do seu casamento, celebrado na igreja de Benfica

padrinhos os srs. José Lisboa, tio materno da noiva e o engenheiro Henrique Chaves.

Celebrou o acto religioso, o prior de Benfica, reverendo Francisco Maria da Silva, que fez uma brilhante alocução, seguindo a missa rezada pelo prior do Seixal, reverendo Agostinho Duarte. Sua Santidade, dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Durante a cerimónia, foram executados no órgão pelo prior da Luz, reverendo Francisco Baptista, no órgão varios trechos de musica sacra.

Terminado o acto foi servido na residência do tio da noiva, o nosso antigo camarada na Imprensa sr. José Lisboa, um finissimo lanche, seguindo os noivos depois de automóvel para as Caldas da Rainha, onde foram passar a lua de mel.

Serviram-se «damas de honor» as sr.^{as} D. Luiza e D. Fernanda Moreira Centeno, amigas intimas da noiva, conduzindo as alianças, o sobrinho da noiva, menino Luiz Ramos Pereira de Oliveira Dóres.

— Na paróquia de S. Jorge, em Arroios, realizou-se o casamento da sr.^a D. Irene de Oliveira e Silva, filha da sr.^a D. Maria Clara de Oliveira e Silva, e do sr. António Augusto Silva, com o sr. Ernesto Augusto Goldschmidt, filho da sr.^a D. Natália Chaves e do sr. Leopoldo Augusto Goldschmidt.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Maria Adelaide Canto de Oliveira e D. Irene Katzenstein e de padrinhos os srs. José António de Oliveira e Eduardo Katzenstein. Finda a cerimonia religiosa, foi servido na residência dos pais da noiva, um lanche.

— Realizou-se na paróquia de Benfica, com muita intimidade, o casamento da sr.^a D. Luiza Carmina David de Moraes Sarmiento filha da sr.^a D. Carmina Adelaide David de Moraes Sarmiento e do antigo ministro da Guerra sr. general Julio Ernesto de Moraes Sarmiento, com o engenheiro sr. Henrique Teixeira de Queiroz de Barros, filho da sr.^a D. Raquel Teixeira de Queiroz de Barros e do sr. dr. João de Barros, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Acabada a cerimonia religiosa, foi servido na residência dos pais da noiva um lanche.

Nascimentos

A sr.^a condessa de Castelo Mendo (D. Rita), teve o seu bom sucesso. Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso, a sr.^a D. Maria Manuel de Melo Fragoso Calado, esposa do sr. dr. Henrique Duque Calado. Mãe e filha estão de perfeita saúde.

D. Nuno.



Aspecto do casamento da sr.^a D. Irene de Oliveira e Silva com o sr. Ernesto Augusto Goldschmidt, realizado na igreja de Arroios

ECOS DO CRUZEIRO AÉREO A MARROCOS E A ESPANHA

feito pela esquadriha do major-aviador Pinheiro Correia



As senhoras da colonia portuguesa de Rabat entregaram ao major-aviador Pinheiro Correia, comandante da esquadriha, um lindo ramo de flores

Alcançou todos os objectivos em vista de treino, estudo e de propaganda do nome português, em terras de Marrocos e de Espanha, a viagem aérea comandada pelo major-aviador Pinheiro Correia. Tanto franceses como espanhóis foram gentilissimos para com os nossos aviadores. E' de justiça salientar as manifestações da gente portuguesa que vive ao norte de Africa que foram, por vezes, verdadeiramente apotéticas. No que respeita às circunstâncias em que decorreu a viagem, os officiaes e os mecânicos são unanimemente em afirmar que elas não poderiam ter sido melhores.

Em todas as cidades receberam carinhoso recebimento. Em Madrid, na véspera do regresso a Lisboa, foi oferecido, no Ritz Hotel, um banquete aos aviadores portugueses. Entre a assistência contavam-se



Os aviadores da esquadriha portuguesa e os seus camaradas espanhóis no aerodromo de Tablada, em Sevilha, quando da passagem para Marrocos, depois dum almoço de confraternização

Quando da estada em Madrid da esquadriha, o ministro da guerra do país vizinho ofereceu um langustez aos aviadores portugueses, a que assistiu o embaixador de Portugal sr. Melo Barreto

um representante do Chefe do Estado, os srs. ministro da Guerra, embaixador de Guerra, chefe da Aeronautica Militar, governador militar de Madrid, chefe do Estado Maior do Exército, um representante do Aero Club, varios generais, etc. Aos brindes discursaram o chefe da Aviação Militar e os srs. Melo Barreto, ministro da Guerra e major Pinheiro Correia. Os oradores dirigiram as melhores saudações a Portugal e fizeram referências à sua história.

Nessa mesma noite, os aviadores foram recebidos na sede do Aero Club, onde falaram o presidente daquela colectividade e o comandante da esquadriha de Alverca. De manhã, o sr. embaixador de Portugal ofereceu um almoço de despedida aos officiaes da esquadriha, ao qual assistiram também, outras individualidades portuguesas, que se encontravam em Madrid, o antigo ministro sr. Gomes Saracha, presidente do Aero Club, escritor Tomás Borrás, secretário da embaixada, consules de Portugal em Madrid e Valença, e o officiaes às ordens do comandante da esquadriha portuguesa.





MISS ANDALUZA
Paquita Iglesias Bernal

MISS ARAGÓN
Suseto Aguilar Miralva

MISS ASTÚRIAS
Oliva Ceñal

MISS BALEARES
Tina Bosch

MISS CATALUNHA
Carmen Alberti Alberti



MISS ESPANHA
Maria Eugenia Enriquez Giron — primeiramente «miss» Provincia residente em Madrid

A eleição de "Miss" Espanha que tomará parte no concurso internacional de Inglaterra

trabalhadores erguem por toda a parte tronos efêmeros às mulheres formosas.

É o contrário que sucede entre nós. O português tem sobre a mulher conceitos diversos. A sua maneira de ser carinhoso e prestar homenagem ao sexo fraco é exclusivista, quasi feroz. A ostentação afigura-se-lhe um abandono. Mostrar uma mulher bonita, impô-la à admiração dos outros, é para ele perder um pouco do que lhe pertence em beneficio de estranhos. Daí o seu retraimento e a explicação do êxito passageiro que a voga dos concursos de beleza teve no nosso país.

De que lado está a razão? Ninguém o pode dizer. Porque á volta dos concursos de beleza e do seu significado social e moral tem corrido tinta em abundância sem que a questão esteja por isso a ponto de se esclarecer.

É fácil discorrer longamente sobre os inconvenientes desses certames que vão despertar pobres raparigas ignoradas e tranqüilas, obrigando-as a sonhar um destino melhor que na maior parte dos casos se não cumpre. Como é fácil exaltar as suas vantagens, pelo incentivo que trazem ao cultivo da beleza e pela influencia que exercem no sentido estético das multidões.

Uma e outra opinião podem ser refor-

MISS GALIZA
Filo Perez Alcantara

MISS HÍSPANO-AMÉRICA
Carmen Carrasco Llorens



MISS EXTREMADURA
Paqueta Anar Romirez

MISS CASTELA
Rosa Diaz Hernandez



MISS MURCIA
Josefina Ferrer Yosa — que obtém o prêmio da «crua mais bonita de toda a Espanha»

çadas com bom número de argumentos. Para a primeira basta evocar toda essa legião de pobres desiludidas que foram rainhas um dia e que hoje sofrem amargamente o esquecimento dos seus admiradores e a destruição dos seus sonhos. Para a segunda pode apontar-se a elevação do critério estético do vulgo, facto reconhecido por tantos artistas e escritores.

Vista com imparcialidade, a questão mostra-se, ambígua. A cada qual, portanto, de formar a opinião que a sua sensibilidade e entendimento lhe ditarem.

Mas não consiste apenas nisto o lado frágil e confuso da questão. Fora do problema moral, há outro igualmente importante que vem a ser o da impossibilidade quasi absoluta de se realizar uma eleição que corresponda a um critério objectivo e justo.

Na verdade, o conceito de beleza é puramente subjectivo. Este facto é evidente e ninguém se atreveria a contradizê-lo. O júri, qualquer que ele seja, está sujeito a esse principio inexorável. Pode de facto, ser imparcial e dotado da maior cultura estética. Mas as suas decisões nunca podem representar outra coisa mais que as suas preferências pessoais, por isso que se baseiam em sensações indefinidas,

quasi inconscientes. Para avaliar a beleza não se conhecem métodos positivos e matemáticos.

Pascal definiu essa verdade igneável numa imagem que ficou célebre — «o grau de Pascal». Toda a noção de beleza é subjectiva. Varia no tempo e no espaço. Um unico grau do meridiano representa profundas diferenças no conceito de beleza. O que aqui é belo pode ser horrendo nos antipodas. A mulher mais requestada entre os hotentotes seria para nós objecto de repulsa. E variações idénticas se verificam em relação ao tempo. A Venus de Milo está já muito longe dos ideais de beleza da nossa época.

Esta mesma dificuldade deve tê-la experimentado o júri que em fins do mês passado procedeu à eleição da «Miss» que representará a Espanha no próximo concurso de beleza a realizar este ano em Inglaterra. Do vasto friso de mulheres formosíssimas que lustram esta página forçoso lhe era escolher uma a quem se atribuiria beleza superior às demais.

O júri deve ter sentido, forçosamente, a angústia duma escolha embaraçosa. Talvez esta, de olhos profundos e meigos... E porque não aquela de olhos claros, insondáveis, misteriosos?

E a prova mais flagrante da sua indecisão consiste no facto de ter elegido simultaneamente, outra candidata com o título de «a cara mais bonita de toda a Espanha».

A verdade a final é que a escolha fez-se. Basta agora saber como apreciação os ingleses essa encantadora rapariga de cabelos castanho-claros, olhos verdes e expressão sorridente, em competição com as suas beldades frias, com as provocantes seduções de «miss» França e tantas outras.

MISS LEÃO
Julia Matos Palacios

MISS MADRID
Amelia Sanchez Ortega

MISS MARRUCOS
Amelia Torres Jimenez

MISS BIZIJA
Matilde Benes Caila

MISS VALENCIA
Amparo Alborn Sorran



DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinhã; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; e Dicionário do Charadista, de A. M. Sousa.

VIDA CHARADÍSTICA

SOCIEDADE CHARADÍSTICA LUSITANA

Reüniu-se no passado dia 29 de Abril a Assembléa Geral Ordinária desta Sociedade, para comemoração do seu 1.^o aniversário e eleição dos novos corpos gerentes.

Abriu a sessão o presidente da S. C. L., com um caloroso discurso, usando em seguida da palavra os confrades: *Rei Fera, Bishnu, Doridófilos, Micles de Tricles, Lusitano*, etc.

Seguidamente, procedeu-se à votação, ficando a nova direcção assim constituída:

Direcção: Presidente, Albano Matos de Oliveira (Vidalegre); Vice-Presidente, Pedro A. Muralha (Doridófilos); Secretário, Eduardo Leiria Dias (Lérias); Tesoureiro, Augusto Nunes (Caçador); 1.^o Vogal, Henrique Parreirão (Pinoca); 2.^o Vogal, Anibal Chaves (Albrito).

Conselho Fiscal: Presidente, Cirilo Damião (Lusitano); Secretário, Francisco M. de Oliveira (Tasso); Relator, Alberto M. de Oliveira (Valério).

Por último, foi servido um pequeno lanche, tendo a festa acabado animadamente, com entusiásticas aclamações à S. C. L. e ao charadismo.

IMPRENSA

Revista Trastagana, de Évora. — Está publicado o 1.^o número desta interessante revista cultural, literária e recreativa, na qual «Vidalegre», nosso dedicado colaborador e grande propagandista da causa charadística, orienta uma esplêndida secção edípica, sob o título de «Charadas».

É mais um óptimo campo de lides, que vem enriquecer o já vasto domínio charadístico. Insere o respectivo regulamento e valiosa colaboração que confrades de renome firmam.

Gratos ao inteligente director pela oferta do exemplar e os nossos sinceros desejos de longa vida.

CORREIO

Al-Charad, Abrantes. — Própria-mente para decifrar charadas não há nenhum dicionário. Há, sim, os chamados calepinos, que são obra do charadista paciente, aferrado e amigo de brilhar, mas, bem entendido, só para seu uso. Posso, no entanto, recomendar-lhe o dicionário de sinónimos, de J. da Silva Bandeira, e o «Dicionário do Charadista», de A. M. de Sousa, que de muito lhe servirão para o seu fim, especialmente o último, se dêle bem souber servir-se.

A revista a que se refere suspen- deu temporariamente a publicação no fim do passado ano.

MEFISTOFÉLICAS

(Ao «Lérias»)

1) Merece *censura* a sua *mania* de, sempre que pode, pôr a *garrafa* à boca e... «entornar». (2-2) 3.

Coimbra *Ignotus Sum*
(T. E. — T. C. B.)

2) De uma *caixa* fazer um *tubo*, só por *mistério*. (2-2) 3.

Pórtio *Miralus*

3) O actor que *tira a vida* a alguém por apanhar *pateada* merece que lhe atirem um *calhau*. (2-2) 3.

Luanda *Ti-Beado*

NOVÍSSIMAS

4) A *charneca*, depois das chuvas, era «um» *campo alagadizo*, um lamaçal. 2-1.

Lisboa *Fernambelo*

SECÇÃO CHARADÍSTICA
Desporto mental
NÚMERO 12

5) Depois de grandes revoltas surgiu o novo regime de viver sob a *bôa reputação* da grande «figura» que o imbecil tenta *apelidar*. 2-2-1.

Paços de Brandão *Justa* (T. C. B.)

6) O *soberano* tinha uma «*espingarda*». 1-2.

Lisboa *Lérias* (T. E.)

7) A *desgraça* faz do *sadio* um *doente*. 1-1.

Lisboa *Vidalegre* (S. C. L.)

8) O sentimento do escritor é *igual* ao *sentimento* do leitor. 1-1.

Paços de Brandão *Viola* (T. C. B.)

9) O líquido passa «*através*» dos tubos para *filtrar* e em seguida *destilar*. 1-2.

Espinho *Zé Agá* (T. C. B.)

SINOPADAS

10) Essa *espécie de ferrinhos* nem vale um *chinelinho* velho. 3-2.

Lisboa *Augusta Vitória* (T. E. L.)

(Interrogando «Rei do Sêbo»)

11) A sua *cama* é de *pau amarelo* ou de *madeira*? 3-2.

Lisboa *Fernambelo*

12) Tenho estado a *observar* o que se passa dentro da *hospedaria*. 3-2.

Coimbra *Frangerque*

13) Uma *alma cheia de vícios* arrasta muitas *honestas* para a *desgraça*. 3-2.

Ponta Delgada *Jobema* (...)

(Ao insigne confrade «Gigantezinho»)

14) *Divida* o *absinto* em *partes iguais*. 3-2.

Lisboa *Lérias* (T. E.)

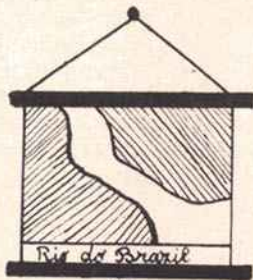
15) A *pessoa de qualidades pouco recomendáveis* leva uma *machadinha*. 3-2.

Paços de Brandão *Ocsav* (T. C. B.)

25) ENIGMA PITORESCO



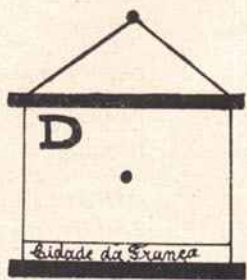
5ℓ.



5ℓ.



Lisboa



3ℓ.

«Olho de Lince» (T.E.) e (T.E.L.)

16) Muito se *demora* minha «*muller*»? 3-2.

Lisboa *Olho de Lince*
(T. E. — T. E. L.)

(Ao «Lérias»)

17) Você *arranja namôro* com aquela pequena? Olhe que ela goza de pouca *reputação*... 3-2.

Lisboa *Reinadio* (S. C. L. — T. E.)

18) Um «*homem*» *ilustre* e *prudente* vale mais que um *riçaco*. 3-2.

Lisboa *Valério* (S. C. L.)

19) Ésse *homem*, além de ser uma *pessoa desprezível*, é um *patife*. 3-2.

Espinho *Zé Agá* (T. C. B.)

METAGRAMA

20) *Mulher bela* e *bondosa*
Só me *irrita* sendo *trouxa*,
Eu só quero *mulher formosa*,
Sendo *dura* como a *rocha*.

Mas como isto não rima,
E por aqui não me fico,
Quería inda ser por *cima*
Tôda a vida *homem rico*. 5-4.

Lisboa *Veiga* (T. E. L.)

EM VERSO

21) Adormecido há muito a *procurá-la*
no verde-mar, ao longe, da lagoa,
— os meus *sentidos* vão boiando à toa,
e é um *segredar* distante o *recordá-la*.

Nem só um *cisne* as *águas* algodoa,
onde meus *olhos* pousem, *p'ra* *sonhá-la*. — 1
Mas, quando o meu *enlêvo* é *desejá-la*,
cobrem-se de *oiro* as *águas* da lagoa!

A *procurá-la*, há muito *adormecido*
por não a *ver*, de mim *andou* *esquecido*,
e ao longe, *inerte*, em vão *julgo* *encon-*
[trar-me... — 3

Os *cisnes*, *desolados*, já *morreram*,
e, ao certo, os *lábios* dela me *esqueceram*
no *jeito carinhoso* de *falar-me*.

Coimbra *Frangerque*

LOGOGRIFO

(Ao amigo «Xicantunes», recordando a sua ida a Madrid e... os 9 a 0)

22) É *visão* *cruel* e *triste* — 9-8-6-7-5
Os *nove* a zero de *enfada*, — 6-8-6-5
Pois o «*team*» não *resiste*,
Naufraga, *some-se*... nada...

Comove um *desaire* assim, — 1-2-3-4-10
Verdadeiro *temporal*; — 1-2-3-8

Se não *vem* tão *cêdo* o *fim*
Mais *metiam*, *afinal*.

Nossa *astúcia* foi *vencida*, — 3-5-6-7-10
E *morreu* mais um *ensejo* — 7-5-3-10
De *ganhar* nma *partida*
Aos *espanhóis*, p'lo que *vejo*.

Indigna foi, *afinal*,
Nossa *actuação* — é *pena*!
Pois *nove* a zero é *brutal*
Para *equipa* tão *pequena*!...

Lisboa *Lérias* (T. E. — S. C. L.)

ENIGMAS EM VERSO

(A alguém)

23) Ela a *doença*
Para o *ralar*.
Ele o *peixe*
P'ra *soborear*.
No *amentativo*:
O *meloero*
P'ra *cultivar*.

Luanda *Ti-Beado*

24) Esta *espécie* de *balança*,
Sem a *precisa* *cautela*,
Muito nos *maça* e nos *cansa*
Para *pesar*, sem *tardança*,
O tal «*fruto*» e a *vitela*. 4

Lisboa *Xicantunes*.

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.^o — Lisboa.

Pelas sete partidas do mundo...



Uma reunião de mulheres

A mulher proclamou a sua independência em Inglaterra. A mulher que trabalha, que intervém na vida política do país e que alcançou empregos públicos, promoveu no «Royal Albert Hall» uma reunião magna. Trezentas mil se associaram a essa assembleia, onde sir John Simon falou, elogiando a sua acção e o seu trabalho. Uma verdadeira multidão feminina aplaudiu as palavras do conhecido homem público britânico.



O xadrez

Em Coll-Blanc, no país vizinho, em plena praça dos Mártires de Jaca, realizou-se recentemente, um campeonato de xadrez, que deu a vitória aos jogadores do «Clube de Ajadrez Parra». As partidas foram renhidasíssimas e a elas assistiram centenas de pessoas, que silenciosamente olhavam as jogadas dos concorrentes.



New-York-Roma

Os aviadores George Pond e Sabelli, que na gravura de cima nos aparecem momentos depois de aterrarem na Irlanda, devido a uma avaria no motor do «Leonardo da Vinci», propunham-se fazer a viagem até Roma. Como o não conseguiram, vão tentar, brevemente, fazer a viagem de regresso.



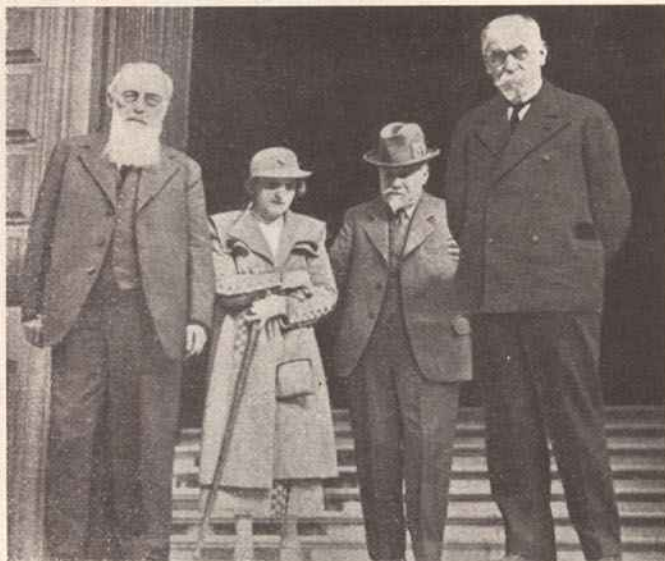
Codos e Rossi

DAMOS acima uma gravura da chegada a New-York dos aviadores Codos e Rossi, que se propunham bater o seu próprio record de duração. Esta fotografia foi tirada no campo de New-York quando os aviadores, protegidos pela policia, eram aclamados, ás 19 e 38 do dia 28. Foi transmitido pela T. S. F. de New-York a Londres pela «Rádio Telephoto-Kystone» e dali em avião para Paris onde chegou no dia 29 ás 2 horas da manhã, levou, portanto, a chegar ao seu destino, pouco mais de 9 horas.

O hitlerismo



Com grande solenidade foi inaugurado, em Berlim, um monumento comemorativo da primeira tentativa hitleriana em 1923. O acto deu ocasião a haver discursos patrióticos, em que Hitler mais uma vez afirmou que a Alemanha atravessa uma nova era de prosperidade, e que há que ter confiança no futuro.



O Congresso Internacional de Esperanto

Em Viena realizou-se o Congresso Internacional de Esperanto, para estudo do tema «O esperanto na escola e na prática», onde estavam representados 22 países. Na gravura que abixo inserimos vê-se, ao centro, o presidente da República austríaca, dr. Wilhen Mitlas e entre os congressistas os delegados da Sociedade Propaganda de Portugal mr. Robert Kreuz e Adolfo Weiss, consul de Portugal.

Instituto Pasteur

PARA o alto cargo de director do Instituto Pasteur, vago pela morte do grande sábio francês dr. Roux, foi nomeado o dr. Louis Martin, outra grande figura da medicina parisiense. Ao acto da posse, assistiu o sr. Poincaré, que é membro do conselho de administração, que se vê na gravura amparado por sua esposa.



PÁGINAS DA MULHER



vieram mostrar-nos que ha em Portugal raparigas duma grande cultura e que empregam o seu tempo a estudar, a aperfeiçoar-se a fazer o bem, seguindo a verdadeira religião de Jesus Cristo com convicção e com dedicação. Nas sessões do Congresso o que mais aamirei foi a atitude das raparigas que apresentaram tese. Desde a benjamina, á operária, á universitária, á escolar, á independente, á rapariga da sociedade, todas se apresentaram com a maior naturalidade, falando com um desembaraço que não excluía modéstia, diante dum auditório de milhares de pessoas, com o á vontade de quem está convencida de que sabe o que diz e que é para bem que o faz. Nessas reuniões, nessas festas havia sempre o que falla á maioria das reuniões da gente môça de agora, a espontaneidade da alegria a vibração do entusiasmo. As raparigas da J. C. F. não são

originalidade d'este vestido está nas mangas e na guarnição da saia feita em «georgette» de dois tons rosa e coral em folhagem guarnecida a «pailletté» é um vestido elegante e de grande novidade. O outro modelo que damos é duma alta elegância. É um vestido de tarde em «moiré ciré». O seu côrte irreprezível molda o corpo esbelto, a originalidade está na gola em «georgette» branco que toma um ligeiro aspecto de colarinho e gravata masculinos. As mangas meio curtas são ornamentadas com umas tiras na mesma «Georgette» fechando com botões como os punhos dos homens. Um elegante cinto setim «ciré» completa esta «toilette» duma simplicidade e distinção invulgares. Como chapéus para género simples continuam a vêr-se as «cloches» em palha. Damos tais graciosos modelos, acompanhados de «écharpes» e demonstrando várias

É consolador pensar que em todas as épocas quando a humanidade envereda pelo caminho da dissolução arrastada, por uma extrema civilização, por um desejo feroz de góso e prazer, ha sempre uma reacção que nos vem provar, que os instintos são, do que é bem, nunca podem ser completamente aniquilados na alma humana. É consolador verificar isto através da história, e, é animador pensar e ver, que no nosso tempo, nesta época em que em seguida á guerra se desencadeou uma tal onda de devassidão, se vai dar a mesma coisa. A mocidade, a geração que agora vem para a vida, traz-nos a esperança de que em breve a sociedade será por ela modificada. Todos os que se interessam pelo equilibrio social, barafustam e com razão contra a atitude dum certo número de raparigas de hoje, que num egoísmo feroz querem fazer a sua vida saltando por cima de tudo o que elas chamam preconceitos e que são as leis da vida moral, que se apresentam aos dezoito anos pintadas como velhas artistas reformadas, usando vestuários e atitudes de «vamp», do cinema e que na verdade merecem mais piedade, do que o feroz rancor que muita gente lhes vota. Mas essa rapariga que tende um pouco a desaparecer, não é felizmente o único tipo da rapariga moderna, apesar de assim se intitular; e, a rapariga que merece esse título é aquela que estuda que se prepara para a vida num aperfeiçoamento do seu intellecto e do seu moral. E tivemos agora uma prova flagrante de que essa rapariga existe e que é mesmo bem numerosa entre nós; no 1.º Congresso da Juventude Católica Feminina. Para mim que tanto me interesso pela rapariga de hoje pela sua formação, pela sua educação, este Congresso foi das coisas mais interessantes a que me tem sido dado assistir. Inúmeras raparigas, naturais, simples, adornadas com a graça da sua mocidade em flôr, com a alegria da sua idade e das consciências tranqüilas, que só para o bem vivem,

«blasées». Fazem o bem com alegria e sabem ser novas, não dedicando a sua vida apenas a futilidades, muitas vezes prejudiciais. Sua Santidade o Papa Pio XI quando fundou a Acção Católica de que nasceu a Juventude Católica, demonstrou um perfeito conhecimento da alma da mulher moderna, que já não pode viver fechada no círculo estreito do lar familiar, compreendeu a áncia de actividade das almas novas e orientando-as para o bem aproveitando a sua força de acção, para o bem, fez uma das mais belas obras do seu papado. Entre nós Sua Eminência o Cardeal Patriarca de Lisboa, o Cardeal da Juventude, como as raparigas lhe chamam, todos os prelados e todo o clero, souberam dar o melhor impulso á mocidade em ebulição, levando-a para a acção, desenvolvendo inteligências e fazendo o que não se tem sabido fazer noutros campos da vida social, aproveitar o valôr e a actividade femininas em obras compatíveis com o seu sexo e com a moralidade que deve presidir á sua vida. Dá-nos pois a Juventude Católica Feminina Portuguesa, tão bem organizada e tão bem orientada, a esperança dum resurgimento, em que a mulher tenha o seu logar bem marcado, sendo mais tarde como esposa e mãe a orientadora e a educadora da sociedade portuguesa. Teve este Congresso além de todo o interesse, o condão de nos fazer vêr raiar um novo Sol e uma nova esperança de que a mulher de Portugal muito hade contribuir para o resurgimento nacional.

Maria de Eça.

A moda

ESTE verão a moda exige mais do que nunca um corpo perfeito. As linhas são marcadas de maneira a fazer ver a elegância natural dum busto, a correção de formas. Mais do que nunca tem a ginástica a sua missão de corrigir os defeitos que existam. Damos hoje um lindíssimo modelo de vestido de noite em setim preto. A





maneiras de usar. Com a « cloche » em palha branca e lenço em « Georgette » xadrez de várias cores ou o lenço fundo branco e com riscas cor de laranja e preto. Com o chapéu em palha bege com fita branca a « écharpe » em gaze às riscas preta, branca e bege. Damos duas outras duas maneiras de pôr as « écharpes ». Uma em seda no desenho cachemire e a outra em gaze com um desenho « imprimé ». São de grande moda estas « écharpes » e duma grande comodidade.

Uma linda ideia

POSTA em prática em Milão protegida pela « Società Orticola di Lombardia » é a do concurso das janelas floridas. Este ano as concorrentes foram 420, o ano passado 397 e há três anos uns sessenta. Há um progresso ainda que relativo se pensarmos em como é grande Milão.

A alma desta gentil propaganda, a qual supera a poesia sempre bela, das flores, com o valor moral, tem sido a senhora Luísa Armbruster. É ela a autora do opúsculo « Como embeleza a minha janela » que tem sido distribuído aos milhares gratuitamente, como gratis distribue sementes e plantinhas preparadas por ela. A senhora Armbruster foi ao estrangeiro estudar a razão porque em climas mais nebulosos e hostis do que o de Milão, se obtêm tão belas fluriculturas domésticas, e, trouxe da Alemanha certas variedades de flores, com as quais, as cidadãs alemãs alegam todas as ruas, visto que se não querem decorações luxuosas mas as flores mais humildes e mais baratas que não requerem cuidados científicas mas alegam a vista a quem passa.

Uma gentil ideia que se deve propagar em Lisboa onde as flores se dão tão bem.

Uma família de patriotas

MARIA Grandprez que morreu há dois anos foi a última a desaparecer duma das mais nobres famílias belgas, que se consagrou durante a guerra à salvação da pátria. Dois dos Grandprez

Elisa e Constâncio, foram fuzilados pelos alemães em 8 de Maio de 1917, dentro dos muros da Cartucha de Liège. Francisco e Maria Grandprez, foram condenados à prisão. Francisco morreu em 1922 em consequência dos sofrimentos padecidos durante a prisão, e, Maria á qual também a longa prisão além Reno, tinha alterado a saúde, foi a última a desaparecer. Os dois irmãos e as duas irmãs eram caracteres de excepção.

Poucos heróis da guerra podem ser comparados com eles. Pertenciam áquela legião misteriosa, que não tinha nem espingardas, nem uniformes e

que combatia nas hostilidades do grande teatro da guerra, Constâncio com seu irmão Francisco e as duas irmãs faziam parte dum daqueles organismos, que informavam os chefes das tropas aliadas em guerra, sobre os movimentos do inimigo. Estas quatro creaturas tinham entre as suas mãos os principais anéis da mais importante cadeia de informações, que apertava misteriosamente e vitoriosamente o esforço clópicio do inimigo.

Foi declarado oficialmente que os Grandprez contribuíram eficazmente para a salvação de Verdun. Um traidor que conseguiu conquistar com arte subtil a sua confiança, foi o delator que os levou para a morte e para a prisão. Elisa e Constâncio demonstraram no momento supremo uma coragem admirável.

Á hora do pôr do sol foram levados para a Cartucha no limite da cidade para serem fuzilados. Os três mártires por que estava com eles o velho feitor da casa, Gregório, avançaram empunhando pequenas bandeiras tricolores, que Elisa tinha feito na prisão. Ela recusou com a maior altivez o deixar vender lhe os olhos na



hora do suplicio. Maria viveu os seus últimos anos dedicada à memória dos seus irmãos e a obras de caridade e patriotismo, tanto quanto lhe permitiam as suas forças, com a pouca saúde que trouxe do horrível cativeiro na Alemanha.

Funcionárias judiciais

EM Paris foi lançada a ideia de abrir ás mulheres a carreira judicial. Há ali 220 advogadas presididas na sua associação por M.^{me} Hevenin. Recentemente uma sua delegada apresentou oficialmente ao guarda-sélos, um requerimento, cuja realização se espera seja próxima. M.^{me} Hevenin e as suas consórcias apresentaram também ao ministro da Justiça a quem pediram uma audiência, um projecto de lei para nomear mulheres, juizes dos tribunais infantis. O ministro ouviu-as com benevolência. É bom que se compreenda que é preciso haver para as crianças juizes especializados que podem ser mulheres. A presidente citou o tribunal de Varsóvia, no qual uma mulher, M.^{me} Grabinoška, foi nomeada juiz, para as audiências infantis, com satisfação geral e exercendo uma justiça humana e generosa. Este projecto de lei que abre ás mulheres a carreira da magistratura será

rápido e nos círculos judiciais acolhe-se com simpatia a ideia das magistradas femininas nos tribunais infantis porque ninguém melhor do que a mulher com o seu instinto da maternidade compreende a alma infantil.

O lar prático

EM país nenhum como na Suécia, há um tão grande interesse pelo lar e pela forma prática de o organizar.

Demonstra-o a exposição que há dois anos se realizou em Estocolmo sob a presidência honorária do príncipe herdeiro da Suécia. Teve por fim demonstrar o grande desenvolvimento da técnica sueca na arte e na indústria. A sua divisa foi « O lar prático ». Respondendo assim aos dados mais modernos em todos os campos, a habitação e o seu mobiliário, tanto para as casas modestas, como para as propriedades de luxo. Uma cidade-jardim foi aí construída segundo os princípios do urbanismo moderno.

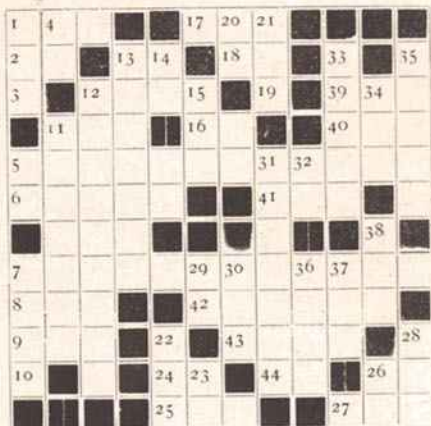
Uma inovação interessante foi a dos visitantes poderem observar os objectos expostos sem entrar nas salas, novo resultado obtido com o sistema das janelas. Os principais artigos foram: os vidros, a cerâmica, o ferro trabalhado, as pratas e ourivesaria os tecidos guardando sempre as tradições dos artistas do país. Moveis de toda a espécie e também para hoteis, hospitais, repartições, lojas. Os meios de transporte também tiveram a sua representação. A decoração floreal era admirável. Todos os visitantes da exposição de Estocolmo tiveram que aprender nesse certamen do bom gosto prático na vivenda moderna.

Receita de cozinha

Carne assada à Zita: Manda-se cortar um quilo de carne do pojadouro, que é a mais própria. Fura-se com uma faca fininha e enfiam-se nos buracos tirinhas de toucinho fresco ou entremecado. Tempera-se com sal fino, pimenta e colorau doce, põe-se numa assadeira de barro de Coimbra ou de Chaves, com rodas de cebola e ramos de salsa, banha e um fio de azeite, molhando-a com 2 1/2 decilitros de vinho branco, além de meio decilitro de água, quando a carne estiver corada de todos os lados, tem-se o cuidado de a ir molhando com o próprio molho borriá-se com mais um pouco de vinho e deixa-se estar ainda um tempo no forno. Serve-se cortada ás fatias guarnecida com puré de batata e o molho por cima.



Palavras cruzadas



Horizontais:

1. — unidade de resistência eléctrica. — 2. adverbio de lugar. — 3. artigo. — 5. conjunto de regras servindo para reger uma nação. — 6. cómico. — 7. doente que sofre duma enfermidade caracterizada pelo aumento de volume das extremidades. — 8. lago em francês. — 9. 3.^a pessoa sing. preterito perfeito verbo 3.^a conjugação. — 10. preposição. — 11. partícula honorífica que em alemão se coloca atrás do apelido. — 12. líquido espesso. — 13. neste sítio. — 16. nota de música. — 17. branco é... — 18. verbo da 3.^a conjugação. — 19. artigo. — 24. ia. — 25. linha. — 26. além. — 27. a casa da família. — 39. artigo indefinido. — 40. regra social. — 41. gesso. — 42. assembléa eclesiástica. — 43. substância de que se faz um tecido. 44) contração de preposição e artigo.

Verticais:

1. vazio. — 4. 3.^a pessoa singular indicativo presente 2.^a conjugação. — 5. aqui. — 7. letra grega. — 11. tendência natural. — 12. fazia movimentos de torção. — 13. lenitivo. — 14. artigo em arabe. — 15. advérbio de lugar. — 17. artigo. — 20. divisei. — 21. como sou crente, rezo. — 22. abreviatura comercial. — 23. exclamação — 26. nota de música. — 28. pedra sobre a qual se acende o fogo doméstico. — 29. 2.^a pessoa sing. indicativo presente verbo 2.^a conjugação. — 30. substância que serve para escrever nas louzas. — 31. região da Rússia Europeia. — 32. verbo da 3.^a conjugação. — 33. mavioso nome feminino — 34. minha em latim. — 35. mais avançado. — 36. vaza dos pantanos. — 37. partida — 38. liga metálica duríssima.

O jogo de bilhar

É bastante difícil fixar a data da origem deste jogo. O que é certo, é que o bilhar elástico tal como éle existe ainda hoje, foi introduzido em França na segunda metade do xv, sob o reinado de Luiz XI.

Nessa época, era jogado, como agora é, com três bolas. Mas as tabelas eram feitas de laminas de metal ou de tirinhas de couro formando mola, e os tacos, curtos, terminavam por uma especie de báculo.

O bilhar era, em tódo o caso, muito conhecido na corte de Luiz XIV, como o prova a celebre quadra irónica feita pelo ministro das finanças, Chamillard (1651-1712) á maneira de epítáfio:

*Ci-gît. M. de Chamillard
Du roi le protonotaire
Qui fut un héros au billard,
Un zéro dans le ministère.*



Problema de bridge

Espadas — D. 9, 8.
Copas — 9, 8, 5.
Ouros — — — — —
Paus — 8.

Espadas — V. **N** Espadas — A. 5, 4,
Copas — — — — — 3.
Ouros — 10, 9, 6, **O E** Copas — — — — —
5, 2. Ouros — A. 8, 7.
Paus — V. **S** Paus — — — — —

Espadas — R. 10, 6, 2.
Copas — — — — —
Ouros — R. D. V.
Paus — — — — —

Trunfo é copas. S é mão. N e S devem fazer seis vasas.

(Solução do numero anterior)

S joga a carta pequena de paus, N cobre com a dama e joga duas vezes trunfo. E conserva as suas três cartas de paus e balda-se aos dois dez, e S balda-se ao rei de paus em primeira vasa de trunfo e ao valete de oiros na segunda.

N joga o cinco de oiros. Se E se baldar a paus, S baldar-se-á ao az; se E se baldar ao rei de espadas, S baldar-se-á a umas espadas e fará o az de paus e as duas vasas de espadas.

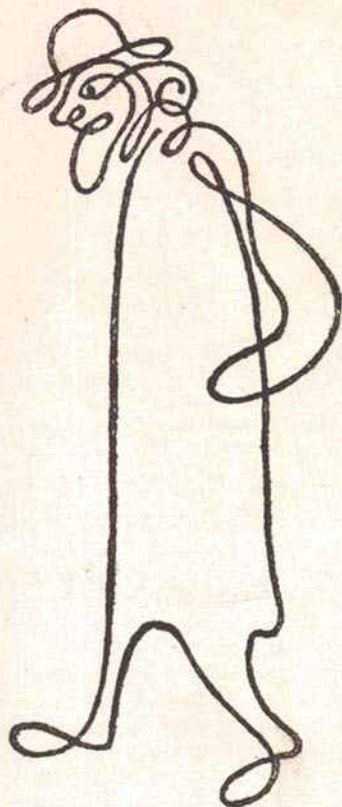
O espirito inglês



— O Henrique fez-me, ontem, uma declaração de amor...
— Não achas que as faz divinamente?

(Do Sydney Bulletin).

Passatempo gráfico



Desenha esta figura sem levantar a pena do papel.

O que faz a superstição!

Em 17 de Janeiro de 1911 chegou a Plymouth o vapor «Morea» cujo capitão deu seguinte informação: «Sexta-feira 13, um capitão do exercito inglês lançou-se aos tubarões do mar Vermelho, não podendo suportar a idéa de que naquella dia se tinham sentado 13 pessoas á mesa». Aquêlê capitão foi, incontestavelmente precipitado. Não podia ter esperado os acontecimentos, que, por muito maus que tivessem sido, nunca poderiam ser peores...

O triangulo de copas

(Solução)



O que crescem as unhas

Segundo o fisiologista A. Bloch, o crescimento das unhas varia com a idade.

Antes dos cinco anos mantem se inferior a um milimetro por cada dez dias. Dos cinco anos aos trinta eleva-se até um milimetro e quatro décimos no mesmo espaço de tempo. Depois, a proporção torna a descer até ser apenas de uns quatro décimos de milimetro cada dez dias aos setenta ou oitenta anos.

As unhas dos pés vão relativamente em proporção inversa. No homem novo só crescem metade ou a terça parte da que crescem as unhas das mãos; em compensação, nos velhos crescem sensivelmente, tanto umas como outras, na mesma proporção.

INDISPENSÁVEL EM TODAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA

Médico dos Hospitais de Lisboa

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM
FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS
RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica** é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra, incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida** pelo nome do autor ilustre, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue; no caso dum ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio, dá os melhores conselhos e instruções **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc., enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

Em inumeros casos de doença, dispostos por ordem alfabética, atende, responde, ensina o

MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA

E assim, quando na **ausência de médico, por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência**, ou na sua falta, como no interior de África, e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **Manual de Medicina Doméstica**, nele se encontrarão todos os conselhos, todas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

QUEM DEVE E NÃO DEVE PRATICAR SPORTS, QUAIS E COMO DEVEM USAR-SE PARA QUE, EM VEZ DE BENEFÍCIO, NÃO RESULTE A PERDA DA SAÚDE.

O QUE EXISTE DE RECOMENDÁVEL PARA CONSERVAR O VIGOR, A MOCIDADE E A BELEZA.

REGRA DE BEM VIVER PARA CONSEGUIR A LONGA VIDA.

1 vol. de 958 páginas, nitidamente impresso, profusamente ilustrado, encadernado em percalina, capa própria, **Esc. 35\$00**

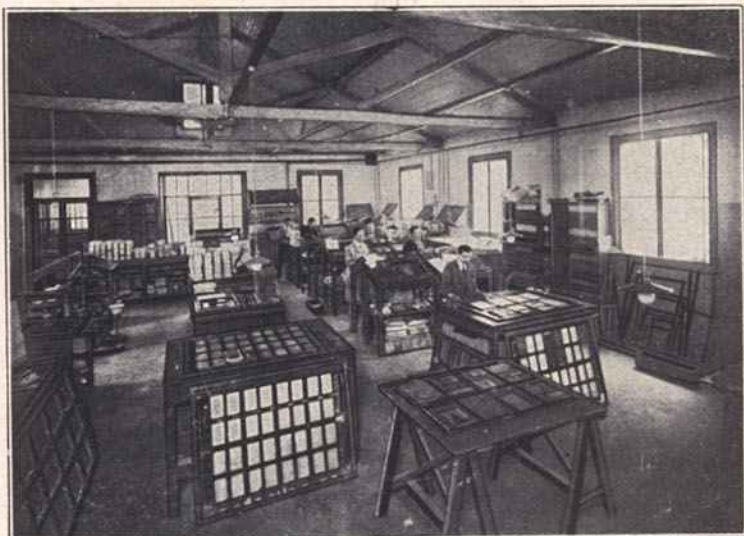
Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária
Indispensável a toda a gente

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73, 75 — LISBOA

IMPRENSA PORTUGAL BRASIL

Telefone: 2 0739

RUA DA ALEGRIA, 30
LISBOA



Oficina de composição

As mais modernas instalações do paiz e aquelas que maior capacidade de produção possuem



Secção especial de publicações ultra-rápidas

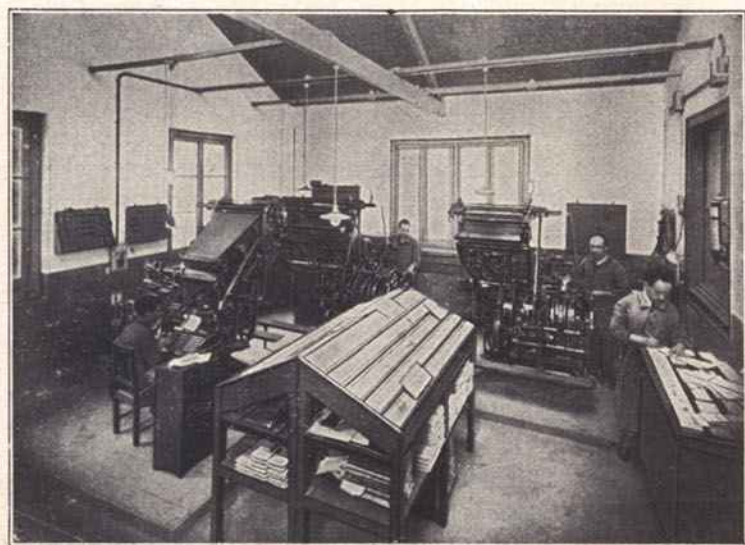


TRABALHOS
COMERCIAIS

LIVROS, RELATÓRIOS, ETC.

INEXCEDIVEL
PERFEIÇÃO

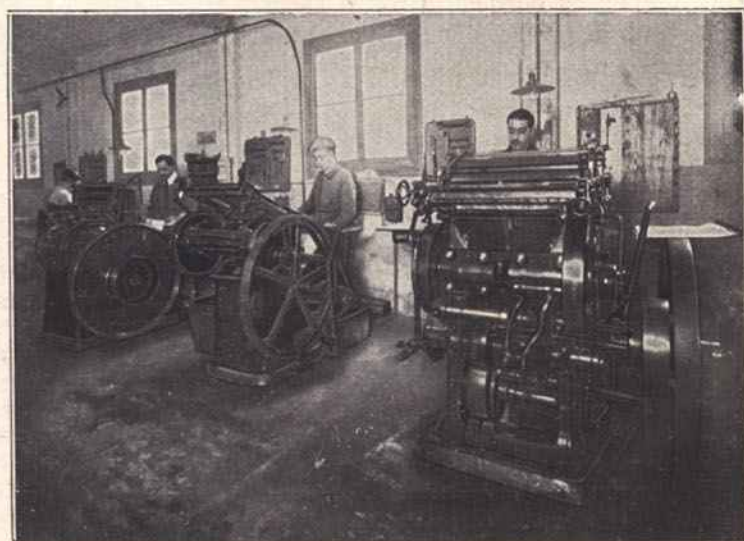
ORÇAMENTOS GRATIS



Oficina de composição mecânica

É nestas oficinas que se imprimem os belos trabalhos gráficos de

Ilustração,
Almanaque
Bertrand
e
História
da
Literatura



Oficina de impressão

PUBLICAÇÕES ESTRANGEIRAS

O mais completo sortido de publicações francesas, inglesas, alemãs
semanais, quinzenais e mensais

Belas Artes — Cinema — Finanças — Sports — Humorismo
— Música — Política — T. S. F. — Técnicas e Científicas, etc.

Os melhores figurinos e revistas de modas, mensais e de estação, tais como:
Jardin des Modes — *Vogue* — *Femina* — *Les Enfants* — *Lingerie* — *Les Ouvrages* — *Les Tricots*
— *Modes et Travaux* — *Mode Future* — *Weldon's Ladies Journal* —
The Lady Fashion Book — *Die Dame*, etc.

JORNAIS FRANCESES, INGLESES E BELGAS

Acceptam-se assinaturas e vendem-se avulso na

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



Verdadeira Enciclopédia da Vida Prática

COLEÇÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS
OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS
A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sobre **todos os ramos profissionais e artísticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia

Obra de incontestável utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a:
ORNAMENTAÇÃO DO LAR — MEDICINA PRÁTICA — SOCORROS DE URGÊNCIA — MOBILIÁRIO — LAVANDERIA — FARMÁCIA DOMÉSTICA — JARDINAGEM — PRODUTOS ALIMENTARES — COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS — PERFUMARIA — ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO — SEGREDOS DO TOCADOR — CONSERVAS — ANIMAIS DOMÉSTICOS — MANUAL DO LICOREIRO — METAIS — LIGAS E CIMENTOS — COUROS E PELES — ANIMAIS DANINHOS — COPA E DOCARIA — LAVORES FEMININOS — HIGIENE DA BELEZA — PASSATEMPOS — LAVAGEM DE NODOAS — TECIDOS E VESTUÁRIO — VIDRARIA — ADUÇOS — HORTICULTURA — VETERINARIA — VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

1 grosso volume de 1.152 páginas lindamente encadernado em percalina a côres e ouro, custa apenas 30\$00

À venda nas boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL — Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Biblioteca de Instrução Profissional

Livros escolares de consulta e instrução

OBRAS DE RECONHECIDO VALOR

ELEMENTOS GERAIS

ALGEBRA ELEMENTAR, por *Guilherme Ivens Ferraz*—1 volume de 296 páginas..... 13\$00

ARITMÉTICA PRÁTICA, por *Cunha Rosa*—1 vol. de 384 págs..... 13\$00

DESENHO LINEAR GEOMÉTRICO, por *Cunha Rosa*—1 vol. de 192 págs., com 292 gravuras..... 12\$00

ELEMENTOS DE HISTÓRIA DA ARTE, por *João Ribeiro Cristino da Silva*—1 volume de 709 págs., com 641 grav. 23\$00

ELEMENTOS DE MECÂNICA, por *Eugênio Estanislau de Barros*—1 vol. de 230 págs., com 141 grav..... 12\$00

ELEMENTOS DE METALURGIA, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 424 págs., com 121 grav. 20\$00

ELEMENTOS DE MODELAÇÃO, por *Joseph Füller*—1 volume de 150 págs., com 69 grav. e 30 estampas..... 12\$00

ELEMENTOS DE PROJECCÕES, por *João Antônio Piloto*—1 vol. de 405 págs., com 351 grav..... 18\$00

ELEMENTOS DE QUÍMICA, pela Direcção da *Biblioteca de Instrução Profissional*—1 vol. de 330 págs., com 73 gravuras..... 15\$00

ESCRITURAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL, por *Severiano Ivens Ferraz*—1 vol. de 188 págs..... 12\$00

FÍSICA ELEMENTAR, por *Mário Valdez Bandeira*—1 vol. de 304 páginas, com 241 gravuras..... 15\$00

GEOMETRIA PLANA E NO ESPAÇO, por *A. Cunha Rosa*—1 volume de 390 págs., com 273 grav..... 15\$00

O LIVRO DE PORTUGUES, por *Antônio Baião*—1 vol. de 220 págs..... 12\$00

MECÂNICA

DESENHO DE MÁQUINAS, por *Tomasz Bordalo Pinheiro*..... 30\$00

MATERIAL AGRÍCOLA, por *H. Francem da Silveira*—1 volume de 270 páginas, com 208 gravuras..... 15\$00

NOMENCLATURA DE CALDEIRAS E MÁQUINAS DE VAPOR, por *Antônio Joaquim de Lima e Santos*—1 volume de 280 páginas, com 423 gravuras 15\$00

PROBLEMAS DE MÁQUINAS, por *Antônio Joaquim de Lima e Santos*—1 volume de 400 páginas, com 170 gravuras 18\$00

CONSTRUÇÃO CIVIL

ACABAMENTOS DAS CONSTRUÇÕES, por *João Emílio dos Santos Segurado*—

1 volume de 340 páginas, com 162 gravuras 17\$00

ALVENARIA E CANTARIA, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 280 páginas, com 337 gravuras..... 15\$00

CIMENTO ARMADO, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 632 págs., com 351 gravuras..... 25\$00

EDIFICAÇÕES, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 260 páginas, com 191 gravuras..... 15\$00

ENCANAMENTOS E SALUBRIDADE DAS HABITAÇÕES, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 300 páginas, com 157 gravuras..... 15\$00

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 440 páginas, com 268 gravuras 20\$00

TERRAPLENAGENS E ALICERCES, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 230 páginas, com 230 gravuras 15\$00

TRABALHOS DE CARPINTARIA CIVIL, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 400 páginas, com 448 gravuras..... 20\$00

TRABALHOS DE SERRALHARIA CIVIL, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 360 páginas, com 442 gravuras 18\$00

CONSTRUÇÃO NAVAL

CONSTRUÇÃO NAVAL, IV volume *Construção de navios de ferro*, por *Eugênio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas*—1 volume de 148 páginas, com 298 gravuras formato 16 x 22 12\$00

CONSTRUÇÃO NAVAL, V vol. (*Armamento e acessórios dos navios de ferro*), por *Eugênio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas*—1 volume de 130 páginas, com 138 gravuras, formato 16 x 22 12\$00

MANUAIS DE OFÍCIOS

CONDUTOR DE AUTOMÓVEIS, por *Antônio Augusto Mendonça Taveira*—1 volume de 670 páginas com 715 gravuras 25\$00

CONDUTOR DE MÁQUINAS, (*Nova edição refundida*)—1 vol. de 396 págs., 284 figs. e 15 estampas..... 25\$00

FABRICANTE DE TECIDOS, por *José Maria de Campos Melo*—1 volume de 608 páginas, com 342 grav..... 25\$00

FERREIRO—1 volume de 238 páginas, com 155 gravuras e 34 estampas... 15\$00

FOGUEIRO, por *Antônio Mendes Barata e Raúl Boaventura Real*—1 volume de 384 páginas, com 318 gravuras... 18\$00

FORMADOR E ESTUCADOR, por *Joseph Füller*—1 volume de 196 páginas, com 66 gravuras..... 12\$00

FOTÓGRAFO, por *Antero Dâmaso das Neves*—1 volume de 204 páginas, com 31 gravuras 12\$00

FUNDIDOR, por *Henrique Francem da Silveira*—1 volume de 232 páginas, com 164 gravuras..... 15\$00

GALVANOPLASTIA, por *André Brochet*, tradução de *Manuel Vêres*—1 volume de 400 páginas, com 148 gravuras 18\$00

MARCENEIRO, por *José Pedro dos Reis Colares*—1 volume de 378 páginas, com 299 gravuras e 97 estampas..... 20\$00

MOTORES DE EXPLOSAO, por *Antônio Mendes Barata*—1 volume de 450 páginas, com 368 gravuras..... 20\$00

NAVEGANTE, por *Guilherme Ivens Ferraz*—1 volume de 308 páginas, com 139 gravuras 15\$00

PILOTAGEM, por *Guilherme Ivens Ferraz*—1 volume de 360 páginas, com 119 gravuras 17\$00

SERRALHARIA MECÂNICA, por *João Scqueira de Castro*—1 volume de 412 páginas, com 395 gravuras..... 20\$00

TOPOGRAFIA E AGRIMENSURA, pelo capitão *Guedes Vaz e tenente Mousinho de Albuquerque*—1 volume de 362 páginas, com 238 gravuras..... 18\$00

TORNEIRO E FREZADOR MECÂNICOS, por *João Sequeira de Castro*—1 volume de 307 páginas, com 372 gravuras 17\$00

VOCABULÁRIO DE TERMOS TÉCNICOS, por *Raul Boaventura Real*—1 volume de 558 páginas..... 30\$00

DESCRIÇÃO DE DIVERSAS INDÚSTRIAS

INDÚSTRIA ALIMENTAR, por *Pedro Prost*—1 volume de 180 páginas, com 76 gravuras..... 14\$00

INDÚSTRIA DE FERMENTAÇÃO, por *Henrique Francem da Silveira*—1 volume de 180 páginas, com 72 gravuras 14\$00

INDÚSTRIA DE SABOES E SABONETES, por *Antônio Rio de Janeiro*—1 volume de 100 páginas, com 26 gravuras 10\$00

INDÚSTRIA DO VIDRO, por *José Maria de Campos Melo*—1 volume de 232 páginas, com 111 gravuras..... 15\$00

Todos estes livros são encadernados em percalina

Pedidos à Livraria BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal

Saiu o tomo 36 completando o 3.º e último volume
da monumental

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de

Albino Forjaz de Sampaio
da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a cores e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápidas, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a cores fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a cores e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fóra do texto e 576 dentro o que constitui um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada tomo de 32 páginas 10\$00

**AINDA SE ACEITAM ASSINATURAS
DURANTE ALGUMAS SEMANAS**

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

" " " " carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00;	
br.	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. AS INIMIGAS (DO HOMEM) — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. DUQUE (O) DE LAFÈS E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	15\$00
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. HEROISMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. PATRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol.	2\$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5.ª edição), 1 vol. br. D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL - BRASIL
Rua da Condessa, 80 - LISBOA

ou à **LIVRARIA BERTRAND**
Rua Garrett, 73 e 75 - LISBOA

As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1—DA TERRA À LUA, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.
- 2—A RODA DA LUA, 1 vol.
- 3—A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS, 1 vol.
- AVENTURAS DO CAPITÃO HAT-TERAS:**
- 4—1.ª parte—*Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.
- 5—2.ª parte—*O deserto de gelo*. 1 vol.
- 6—CINCO SEMANAS EM BALÃO, 1 vol.
- 7—AVENTURAS DE TRÊS RUSSOS E TRÊS INGLESES, 1 vol.
- 8—VIAGEM AO CENTRO DA TERRA, 1 vol.
- OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:**
- 9—1.ª parte—*América do Sul*. 1 vol.
- 10—2.ª parte—*Austrália Meridional*. 1 vol.
- 11—3.ª parte—*Oceano Pacífico*. 1 vol.
- VINTE MIL LÉGUAS SUBMARI-NAS:**
- 12—1.ª parte—*O homem das águas*. 1 vol.
- 13—2.ª parte—*O fundo do mar*. 1 vol.
- A ILHA MISTERIOSA:**
- 14—1.ª parte—*Os naufragos do ar*. 1 vol.
- 15—2.ª parte—*O abandonado*. 1 vol.
- 16—3.ª parte—*O segredo da ilha*. 1 vol.
- MIGUEL STROGOFF:**
- 17—1.ª parte—*O correio do Czar*. 1 vol.
- 18—2.ª parte—*A invasão*. 1 vol.
- O PAÍS DAS PELES:**
- 19—1.ª parte—*O eclipse de 1860*. 1 vol.
- 20—2.ª parte—*A ilha errante*. 1 vol.
- 21—UMA CIDADE FLUTUANTE, 1 vol.
- 22—AS INDIAS NEGRAS, 1 vol.
- HEITOR SERVADAC:**
- 23—1.ª parte—*O cataclismo cósmico*. 1 vol.
- 24—2.ª parte—*Os habitantes do cometa*. 1 vol.
- 25—O DOUTOR OX, 1 vol.
- UM HERÓI DE QUINZE ANOS:**
- 26—1.ª parte—*A viagem fatal*. 1 vol.
- 27—2.ª parte—*Na África*. 1 vol.
- 28—A GALERA CHANCELLOR, 1 vol.
- 29—OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN, 1 vol.
- 30—ATRIBUIÇÕES DE UM CHINES NA CHINA, 1 vol.
- A CASA A VAPOR:**
- 31—1.ª parte—*A chama errante*. 1 vol.
- 32—2.ª parte—*A ressuscitada*. 1 vol.
- A JANGADA:**
- 33—1.ª parte—*O segredo terrível*. 1 vol.
- 34—2.ª parte—*A justificação*. 1 vol.
- AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:**
- 35—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 1.º vol.
- 36—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 2.º vol.
- 37—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII*. 1.º vol.
- 38—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII*. 2.º vol.
- 39—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX*. 1.º vol.
- 40—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX*. 2.º vol.
- 41—A ESCOLA DOS ROBINSONS, 1 vol.
- 42—O RAIO VERDE, 1 vol.
- KERABAN, O CABEÇUDO:**
- 43—1.ª parte—*De Constantinopla a Scutari*.
- 44—2.ª parte—*O regresso*. 1 vol.
- 45—A ESTRELA DO SUL, 1 vol.
- 46—OS PIRATAS DO ARQUIPELAGO, 1 vol.
- MATIAS SANDORFF:**
- 47—1.ª parte—*O pombo correio*. 1 vol.
- 48—2.ª parte—*Cabo Matifoux*. 1 vol.
- 49—3.ª parte—*O passado e o presente*. 1 vol.
- 50—O NAUFRAGO DO «CYNTHIA», 1 vol.
- 51—O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672, 1 vol.
- 52—ROBUR, O CONQUISTADOR, 1 vol.
- NORTE CONTRA SUL:**
- 53—1.ª parte—*O ódio de Texar*. 1 vol.
- 54—2.ª parte—*Justical*. 1 vol.
- 55—O CAMINHO DA FRANÇA, 1 vol.
- DOIS ANOS DE FÉRIAS:**
- 56—1.ª parte—*A escuna perdida*. 1 vol.
- 57—2.ª parte—*A colónia infantil*. 1 vol.
- FAMÍLIA SEM NOME:**
- 58—1.ª parte—*Os filhos do traidor*. 1 vol.
- 59—2.ª parte—*O padre Joan*. 1 vol.
- 60—FORA DOS EIXOS, 1 vol.
- CÉSAR CASCABEL:**
- 61—1.ª parte—*A despedida do novo continente*. 1 vol.
- 62—2.ª parte—*A chegada ao velho mundo*. 1 vol.
- A MULHER DO CAPITÃO BRANICAN:**
- 63—1.ª parte—*A procura dos naufragos*. 1 vol.
- 64—2.ª parte—*Deus dispõe*. 1 vol.
- 65—O CASTELO DOS CARPATHOS, 1 vol.
- 66—EM FRENTE DA BANDEIRA
- A ILHA DE HÉLICE:**
- 67—1.ª parte—*A cidade dos biliões*. 1 vol.
- 68—2.ª parte—*Distúrbios no Pacífico*. 1 vol.
- 69—CLOVIS DARDENTOR, 1 vol.
- A ESFINGE DOS GELOS:**
- 70—1.ª parte—*Viagens aos mares austrais*. 1 vol.
- 71—2.ª parte—*Lutas de marinheiro*. 1 vol.
- 72—A CARTEIRA DO REPÓRTER, 1 vol.
- O SOBERBO ORENOCO:**
- 73—1.ª parte—*O filho do coronel*. 1 vol.
- 74—2.ª parte—*O coronel de Kermor*. 1 vol.
- 75—UM DRAMA NA LIVÓNIA, 1 vol.
- 76—OS NAUFRAGOS DO JONATHAN, 1.º vol.
- 77—OS NAUFRAGOS DO JONATHAN, 2.º vol.
- 78—A INVASÃO DO MAR, 1 vol.
- 79—O FAROL DO CABO DO MUNDO, 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA



Saude Perfeita

TODAS as creanças devem tomar a deliciosa OVOMALTINE todos os dias para lhe assegurar uma perfeita saude.

Esta preciosa bebida alimentar fornece numa forma concentrada todos os elementos nutritivos e vitaminas essenciaes para a saude.

A OVOMALTINE é preparada com leite, extracto de malte, ovos frescos e cacau, que são os melhores alimentos da natureza. Os ovos são particularmente importantes porque fornecem o fosforo organico, um elemento essencial para fortalecer o cerebro e os nervos.

A OVOMALTINE é o mais rico alimento concentrado sendo portanto o mais barato no custo.

OVOMALTINE

E A SAUDE

A venda em todas as farmacias, drogarias e boas mercearias, em latas de 110, 250 e 500 grs. aos preços de 8\$50, 16\$00 e 30\$00

DR. A. WANDER, S. A. Berne

UNICOS CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL

ALVES & C.^a (IRMÃOS)

RUA DOS CORREIROS 41 2.^o - LISBOA